



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Já 19:23

Literatura



Gonçalves Dias
Patkull



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Patkull

Gonçalves Dias

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1843.

Livro Digital nº 136 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Antônio Gonçalves Dias

(1823 – 1864)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

PATKULL
DRAMA DO ANO DE 1707



Sendo o drama *Patkull* ensaio da mocidade do poeta, escrito aos 20 anos, sob o entusiasmo da escola romântica, quando imperavam a *Torre de Nesle*, a *Lucrecia Bórgia* e outras composições deste gênero, não podia o autor, apesar de seu talento e gênio inspirado, eximir-se de pagar tributo ao gosto e às tendências da sua época. Deve-se, pois, tomá-lo como tentativa, e apreciá-lo mais pelo estilo e lances poéticos que os embelezam, do que como obras que imortalizem o poeta.

São Luiz, 12 de julho de 1868.

A. H. L.

A...

Eu quisera ter feito uma obra imortal, para que na fronte dela gravasse indelével o teu nome, como no frontispício de um templo se grava o nome da Deusa a que se consagra;

Ou antes — eu quisera traduzir para a linguagem dos homens tudo quanto sinto por ti de amor puríssimo e de enlevos melindrosos. E este livro seria uma formosa *Ilíada*, do que há na terra de mais douradas esperanças, do que ha no céu de mais angelicamente venturoso;

— Assim eu t'o oferecera.

Mas se eu não posso tanto — guarda ao menos para lembrança minha este livro, sobre que derramaste algumas lágrimas de simpatia.

E possas tu em lendo esta minha obra para o futuro, quando a minha voz não responder a tua voz, por me ter eu partido para longes terras— encontrar nela alguma coisa que te diga— que eu te amava como Patkull a Romhor, e que o meu amor, como o dele, só acabará com a minha vida.

Novembro de 1845.

PERSONAGENS:

PATKULL (gentil-homem da Livônia)

PAIKEL (alquimista)

NAMRY

ROMHOR (noiva de Patkull)

BERTHA (namorada de Paikel)

WOLF (pajem)

UM CRIADO

A cena passa-se no ducado de Mecklembourg no 1º e 2º atos; no primeiro quadro do 3º ato – em Dresde; no segundo quadro do 3º ato e seguintes em Casemir, junto de Posen, na Polônia.

ATO I

Uma sala em casa de Namry Romhor – uma porta no fundo – portas laterais – mobília da época.

CENA I

Namry Romhor senta a ao pé de uma mesa e Bertha.

NAMRY

Que horas são, Bertha?

BERTHA

Ainda há pouco anoiteceu, minha senhora.

NAMRY

Ainda há pouco! Pesado e triste corre agora o tempo, como um velho enfermo e lento! *(Pausa)* Chove?

BERTHA

Não, minha senhora, não; neva somente. *(Chegando-se à janela e correndo pouco a cortina)* Se quisésseis chegar a esta janela, veríeis que majestoso espetáculo é prolongar os olhos por esta planície, que se estende a perder de vista, toda prateada, e luzindo um pouco com a luz pálida e vacilante da lua... tão belo... que prazer não é ver estes flocos de neve que vêm descendo sobre a terra e lento e lento! quereis vir, senhora?

NAMRY *(como falando consigo)*

Houve tempo em que a vida também para mim corria fagueira e leve. Minhas noites eram cheias de sonhos de inocência e de ventura... Meus dias tranquilos e felizes. – Nada mais desejava – ou brisa ou tempestade sempre acharam meu coração venturoso e o prazer que se me ria nos lábios! E hoje?!... Quem me dera ver-me longe deste céu tristonho – destas nuvens carregadas – desta atmosfera de mau agouro.

BERTHA

Perdoai, Senhora – mas eu pensava que em parte nenhuma seria melhor a vida que na terra, em que a provamos. Tem encantos a terra, onde na infância gravamos passos mal seguros – têm encantos os sítios, que nos recordam dias mais felizes, que todos nós gozamos – rico ou pobre –: o céu que nossos olhos primeiro encontraram; o sol que nos afagou no berço, como olho vigilante de mãe; e a língua que nós falamos e que outra língua nunca pode suprir!

NAMRY

Assim pensei, Bertha, assim pensei, e quem então me dissesse que este seria o meu desejo de hoje, certo que em mim não acharia crédito. Mas eu já tenho sobejos motivos para ser triste,

para mais os desejar. Queria alguma coisa que me distraísse! Queria ver essa terra tão antiga, e que mais que as outras, dizem bela, onde reina contínua primavera, onde o céu rutila sempre grande, onde a noite equivale aos nossos dias! Queria ver essa terra! Nápoles, a cidade afortunada, com seu vulcão fumegando noite e dia; com seu golfo tão risonho e pitoresco; Veneza, a cidade de encantos e prodígios, onde de contínuo se escuta ao longe o triste cantar dos gondoleiros, e a barca que passa silenciosamente com o seu fanal na proa, e o máscara de traje oriental, que se perde na arcadaria de um palácio inabitado; talvez que então pensasse menos sobre mim, Bertha; e seria ainda uma fortuna.

BERTHA

Sois infeliz?!

NAMRY

Infeliz?! Vês tu que daria meus títulos de não sei quantos avós – meu ducado que vale um reino – minhas terras, minhas joias – meu brasão – tudo o que me cerca de adulações, de lisonjas, de galanteios – tudo – tudo – e até o meu nome, para que me chamasse simplesmente – Bertha. Foi meu nome quem me trouxe a desventura! Na tua classe não há preconceitos de nomes, de brasões; não há lei dura e inflexível da vontade de um pai severo e orgulhoso. Não há nada –, nada, absolutamente nada: porque são menos os preconceitos quanto mais se aproximam da terra, e alguns palmos abaixo nem uns!

BERTHA

Mal pecado que já fiz tão negra experiência e não desci de tão alto. Crede-me, Senhora – amargo é o pão do infortúnio e da sujeição. É viver para os outros e não para si. Não é de mim que eu falo – amável para com todos muito mais o foste para comigo – e tanto que mais lágrimas me fez derramar a vossa bondade, que meu infortúnio. Mas sofrer insulto e repreensões, sempre curvada e humilhada aos pés do mais rico. – Sempre de um para outro senhor – sem esperanças de melhor sorte, nem

minguadas – nem ao longe – muito ao longe – no extremo de uma vida de espinhos e de sofrer – oh! que é uma vida bem triste esta assim vivida!

NAMRY

Também tu, Bertha? (*Refletindo um pouco*) Vem cá – senta-te bem perto de mim... Estimo saber que és infiel, Bertha; por egoísmo? Que importa? Todo este bulício de prazer e de alegria me pesa no coração – todo este arruído de passos, de vozes, todos estes cantos de amor e de esperanças, me desesperam porque já não tenho amor nem esperanças! Não me interrompas... aflige-me tudo isto que me cerca, que me parece respirar ledice e contentamento; e eu só no meio de tudo isto?! Estimo saber que és infeliz. – Eu precisava de alguém que me pudesse compreender: preciso desabafar o que trago no coração, e que me tortura todos os momentos da vida. – Felizmente que te encontrei!

Contar-me-ás tuas penas e eu te confiarei as minhas. – Ao menos no infortúnio seremos irmãs.

BERTHA (*com a mão sobre o coração*)

É meu segredo; não me pode livrar dos desgostos por que tenho passado, mas pode poupar os novos.

NAMRY

Não tens ainda em mim bastante confiança?! É que tu não sabes o que é guardar um segredo no mais fundo da alma. Um segredo que é o pensamento de todos os dias, de todos os instantes, que nos prende alma e coração – que nos mina e consome a existência, que nos esmaga e a martiriza. Falarei eu, Bertha; falarei; – porque tenho necessidade de dizer o que encerra o meu pobre coração – falarei, porque preciso de um peito sobre que possa derramar as lágrimas, que já não posso sorver. Escuta-me. Outra que não fosse eu daria graças à sua boa estrela por lhe ter deparado com o amor de Patkull. – É um homem patriota e nobre. Os reis se calaram na sua presença

porque a sua voz era de verdade e consciência. Seus inimigos o temeram na guerra, porque o seu braço era de ferro e sua vontade inflexível. – Os seus compatriotas o adoram porque sacrificou por eles seus bens que um rei invejaria e o seu futuro, que prometia ser tão brilhante. E no exílio, na pobreza imerecida, no meio de quanto aviltamento lhe podia arremessar a Suécia, sempre se ouviu a sua voz que chamava os seus patrícios à liberdade, mais forte que a destruição de reinos e monarquias – do que o barulho das armas de Carlos XII – Pedro I e do rei Augusto. E este homem trocou tudo por mim. Meu pai, a quem ele mais que uma vez salvou a vida no meio dos combates me pediu no seu leito de morte que lhe pagasse esta dívida de reconhecimento e de amizade. E eu prometi, Bertha; prometi porque já tinha dado bastantes desgostos a meu pobre pai, para lhe negar este último pedido ao despedir-se da vida – porque não queria que o pobre velho saísse do mundo desesperado, com a maldição a esvoaçar nos lábios quando ele julgava granjear-me um nome e um apoio... E no entanto eu nunca amei este homem, que tanto me ama. Seus extremos me enfastiam; e na minha consciência sinto de lhe não poder dar amor em troca de amor tamanho. (*Baixo*) – Eu amo a outrem Bertha: a outrem com quem vivi os primeiros anos da minha vida, a outrem com quem troquei amor e juramentos, a outrem com quem talvez me não casasse ainda não havendo estes impedimentos, porque meu pai lhe negou a minha mão, e o chamou de cara um cavaleiro que deslustrava a sua nobreza com essa arte diabólica de Alquimia. E ele calou-se – Paikel...

BERTHA (*indo para se levantar*)
Paikel?!

NAMRY (*como admirada*)
Paikel, sim, conhece-o?... (*Encarando-a*)

BERTHA (*sentando-se*)

Nada; não, minha senhora; parecia-me que já tinha ouvido pronunciar esse nome; não sei por que me vem ele agora à memória!

NAMRY (*observando-a*)

Paikel calou-se. Nesse instante agradei sinceramente essa delicadeza da parte dele: julguei então generosidade o que agora me vem em dúvida de cobardia.

BERTHA

Dizem-no valente!

NAMRY

Ele desamparou-me, fugiu vergonhosamente sem mais se dar de mim!

BERTHA

Presumi talvez que as palavras do pai não eram sem o consentimento da filha!

NAMRY

Talvez! Porém, quem tão breve se esquece de que ama – que assim a traiu, também se esquecerá e trairá o seu amigo.

BERTHA

Ele é nobre.

NAMRY (*mais forte*)

Ele jogaria o ducado de seu pai; venderia sua irmã se a tivesse; seu brasão, se alguma coisa lhe rendesse para as consumir nas suas diabólicas experiências – é um infame!

BERTHA

É um homem honrado.

NAMRY (*rindo-se*)

Melhor o conheces que dizias – Bertha! E bastante interessas por ele – vai – outro dia me contarás a tua história. (*Bertha sai. Olhando-a sair*) Também o ama – minha ciada, minha rival!... (*Assenta-se e fica pensativa*)

(*Entra Patkull – manso – encosta-se à cadeira em que Namry está sentada. Fica contemplando-a um pouco tristemente*)

CENA II

PATKULL

Sempre triste.

NAMRY (*sobressaltada e levantando-se*)

Senhor Patkull

PATKULL

Por que me tratas tu por senhor? Entre amantes que breve serão esposos – tu – é um delicioso tratamento, que alimenta o amor e a confiança – Senta-te, Namry (*ele também se assenta*). Vinha eu com o peito cheio de prazer e de contentamento, vinha ansioso por te ver, vinha feliz e venturoso – ao passar da tua porta – quando te vi tão triste e pensativa, também eu me entristeci contigo, e pensei que o amor de teu esposo mal supriria o deserto que teu pai te deixou no coração!

NAMRY

Meu pai era bom!

PATKULL

Nem eu te crimino o sofrimento: ele era meu amigo! senti a sua morte como se fora a de um irmão, como se fora a morte de um pai – bem que ele me deixasse um legado a que mal se exaltariam as minhas esperanças nas minhas noites de amor e de insônia. Deixou-me a tua mão, que eu não aceitaria por certo se julgasse que a devia somente à obediência.

NAMRY

És generoso, Patkull!

PATKULL

Por que me falas tu em generosidade? Quem te pede agradecimentos? Nada faço por ti que o não deva fazer. – Olha, por vezes uma ideia de amor e de egoísmo me atravessa o pensamento. Eu quisera conhecer-te aldeã humilde e simples – só – com a tua pureza e formosura – e eu quisera ser o homem rico e poderoso por que tudo se curvasse às tuas ordens, para que te pudesse transportar para um palácio de maravilha e de encantos, para que eu fizesse da tua vida um paraíso, e da minha alma um templo para a tua alma.

NAMRY

Tens mais do que te posso merecer. Teu amor é o amor com que se adora a Deus e aos anjos; demais para uma mulher que é uma frágil criatura.

PATKULL

Não é demais para ti. – E contudo eu te amo como neste mundo se pode amar, como se ama a uma coisa pura e bela, como se ama uma flor encantadora, como se ama o azul de um céu e de um lago, como se ama o sol e as estrelas – como se ama um instrumento que se escuta no silêncio da noite – como se ama o perfume e a harmonia. Assim é que eu te amo – mais do que te posso dizer, mais do que te posso explicar – mais do que pode exprimir um pensamento, que é teu; uma pulsação do peito, que é tua. Oh! Que não possa exprimir a linguagem do coração o falar rude e franco de um soldado que só tem vivido no meio do estrépito e da carnagem, vida de movimento e de guerra. Oh! Que não possa minha alma estalar este invólucro de lodo, e trazer-me lá dos céus a expressão do que eu sinto por ti?

Namry, tu verias; então o que é o amor deste homem já maduro e sério, e que até hoje tem conservado sua alma virgem de todo

amor; e debalde teu pensamento se abismaria em sondar a profundidade desse seu sentir tão ardente, de que nem ele mesmo conhece a intensidade.

NAMRY

Tu amas muito, Patkull! Esse teu amor me amedronta mais por ti que por mim. Dizem que o pensamento do homem gravita sempre em torno de fantasmas e de ilusões. Pensa bem, Patkull. Talvez que num dia, mesmo antes do matrimônio, se perca o colorido dessas tuas quimeras de amor; – depois dele poderás achar que a vida doméstica e prosaica é muito fria e insuficiente para uma alma sedenta de emoções, como a tua – seria de perder a razão o acordar repentinamente desse sonho; e a culpa seria tua porque foste tu quem o forjaste.

PATKULL

Como são feiticeiras essas tuas dúvidas do coração! És o amor que o comprime, e tu julgas prudência minguar-lhe a força e a intensidade. Não – não é quimera ver-te assim tão nobre e tão bela respirando melancolia e suavidade em todos os teus movimentos. Não; não é ilusão o fogo tão puro e tão expressivo que dimana dos teus olhos. Não; não é frieza que eu receio de ti. Quando te vi tão sentida e penalizada com a perda de teu pai; quando vi com quanto apego tinhas ligado tua vida à vida dele; então senti quamanha era a fonte de sensibilidade que encerravas, quão forte e enérgico devia ser o teu amor, quando o tivesses – que cedo ou tarde despontaria; foi também então que compreendi como a vida leve e graciosa escoaria nas asas do tempo, vivida a sós contigo e com o teu amor! Então amei: então compreendi que havia outra felicidade que não o arruído de um campo de batalha: outra magia numa voz de ternura, que eu ansiava, que no estrondo ou no estertor de moribundos, outra embriaguez, que não a da vitória: então compreendi a vida que até ali mal pudera decifrar: amei; e o tempo que dantes se arrastava vagaroso e lento – hoje passa sobre mim mal apercebido e todo concentrado no amor; e a vida me parece mais radiante e mais afortunada – assim – do que vista através

duma atmosfera de pó e de sangue; radiante e mais bela passada a sós contigo.

NAMRY (*abraçando-o*)
Meu bom Patkull.

PATKULL (*retendo-a nos braços – encara-a um pouco, como extasiado*)

Ainda há pouco que eu teria nos lábios um sorriso de compaixão e incredulidade parar aquele que me dissesse a embriaguez com que enleia os sentidos do homem um som argentino de voz, que dos ouvidos resvala ao coração, uns olhos que entornam em nossos olhos mágico fluido de amor; uns braços que nos cingem, que nos alteiam além da terra, uns peitos que fogosos contra nós palpitam. Não – tal não crera; e hoje... sinto por ti o que se não diz no falar dos homens, no cantar dos bardos; uma coisa que na terra não tem nome, e que os anjos nos céus, entre o coro dos astros talvez modulem nas suas liras douro, quando à Virgem-Mãe levantam incensos de louvores.

PATKULL

Assim! Chama-me sempre por meu nome: nunca o julguei tão lindo antes que a tua voz o pronunciasse. O teu... mesmo o teu – me parece despido de encantos em comparação desse nome, que me enamora, quando tu o pronuncias – Patkull?! Não – não era assim que tu dizias – Patkull!! Não – não era assim. Onde roubas tu essa harmonia, que só encontro em ti? – Onde o roubas?! (*Pensando*) Namry, às vezes me pergunto na minha consciência se não é possível que um anjo se transformasse em ser humano, conservando ainda resquícios da sua divindade, porque tu és meu bom anjo – Namry; paz do coração encontrei a teu lado como no silêncio de uma noite puramente bela. – Então pesa-me do tempo já passado, não por feitos maus; o que fiz foi bom, foi justo; mas por te não haver conhecido, Namry – porque a flor da minha mocidade desfolhei-a eu em tropeços e barrancos, – nas intrigas de gabinete e em lutas com reis,

porque pouco tempo me resta para viver, porque em um dia meus cabelos apareceram brancos como a neve, que embranquece o píncaro de um rochedo num dia – ao principiar do inverno; porque eu me tornarei velho e curvado com o peso dos anos e dos trabalhos, quando tu brilharás com todo o esplendor da tua beleza, com todo o fogo dos anos e da mocidade.

NAMRY

Estás triste, Patkull? Triste te afundaste em recordações do passado?! Meu amigo, quem de nós que elevar o sudário desse morto não encontrará debaixo dele um pesar e um desacorçoamento?! Quem de nós?! Temos todos nossos pesares; bem felizes quando nossos amigos o compreendem e nos podem consolar! Eu sofri muito; derramei lágrimas tristes em silêncio e no retiro; meu pesar tinha – e no peito; cansei-me de sofrer sozinha, disse-o a alguém; não achei piedade nem simpatia; mas fui sobejamente recompensada; achei uma traição – inocente porque fui eu quem a provoquei. – Breve seremos unidos, Patkull; talvez que a mulher saiba cumprir melhor os deveres de esposa, do que a amante os de namorada. Então esqueçamo-nos do que foi, o que em breve não tornará a voltar.

PATKULL

Em bem que não, voltará! Assim também se pudessem abismar no esquecimento recordações do que amargou nossa vida, a memória sempre viva do que foi, e um brado contínuo de vingança, que nos ferve na alma e não passa do pensamento. Minha vida tem sido uma luta contra o sofrimento, um contraste de miséria e de grandeza. Namry, não me recordo nem de jogos, nem de passatempos da infância, nem de parceiros de folguedos, nem de passeios à margem dum regato, ou a corrida afanosa e inocente por um prado florido entre flores e verdura atrás de uma borboleta, ou de outro inseto brilhante – de nada disto me recordo, porque nada disto desfrutei. Um dia quando me entendi, estava num lugar escuro e frio; era uma prisão de Estado; era funda a prisão, a terra

lodosa e encharcada, e alguns molhos de palha. Bem alto estava uma fresta, por onde enfiava um raio baço de sol de inverno. Ao meu lado uma mulher que seria bela em outros tempos, porém que eu via descorada e miserável com as faces fundas, e o cabelo enxovalhado e solto. Além, um homem alto – magro – pálido – com os olhos vacilantes e luzentes, o cabelo em desordem e braços cruzados. Seu rosto metia medo; às vezes uma contração nervosa lhe abalava o corpo inteiro, e tão seus cabelos se eriçavam, e caíam pouco depois como árvores que o vento curva a seu bom grado; e os dentes rangiam e batiam com força como num acesso de febre. Era horrível vê-lo assim, e contudo, tirante disso, o dirias um espectro. Esse homem doido era meu pai, essa mulher morta, minha mãe e nada mais sei deles. E eles ambos me bradam vingança porque morreram ambos de fome; e eu ainda os não vinguei! À noite, em alguma marcha forçada e silenciosa eu tenho visto essa visão, que caminha sempre diante de mim – Quando deitado na tenda – à espera da batalha, um pouco repousava – ainda via essa visão. Quando contigo, ainda me aparece a sombra de meu pai, que me pede contas do que fiz e do que poderia ter feito. Pois bem, Namry, eu direi como tu: esqueçamo-nos do que foi esqueçamo-nos de tudo, seja nossa vida o amor – sejam nossos dias instantes de ventura – vivamos sós, só nós – E quando à noite me sentires ansioso e delirante com a fronte banhada em suor, e com o peito oprimido de um horrível pesadelo – tu me chamarás, não é assim? E eu acordarei num paraíso, acordarei feliz quando vir teus olhos sobre meus olhos; e um sorriso nos teus lábios, e tua mão, que me enxuga as bagas de suor.

NAMRY

Patkull, meu amigo, por que te deixas levar destas ideias, que me aterrorizam? Por que esses pensamentos de vingança? Não estás cansado de sofrer? – Crê-me; é curta a vida para ser desperdiçada em ódios e tormentos. Patkull, teu pai mesmo que agora ressurgisse do sepulcro certo se doeria de ti – e te pedira o perdão daqueles que o maltrataram, porque se os mártires se recordam nos céus do que na terra padeceram,

também se esquecem dos que fizeram padecer; Patkull – esquece-te disso.

PATKULL

Eu já te disse, minha alma é tua; são teus meus pensamentos, minha vida é tua. (*Abraçados*)

CENA III

Os mesmos e Wolf.

WOLF

Senhor Patkull?

PATKULL

Entra, Wolf – entra – que novas trazes?

WOLF

É chegado o estrangeiro que me disseses conduzir aqui – Aqui está e vos aguarda.

PATKULL

Dize-lhe que entre. (*O pajem sai*) Namry tinha-me esquecido de te prevenir disto e contudo era essa minha intenção quando te vim falar. É um meu amigo. Diz que me traz notícias importantes, e que mas quisera comunicar em lugar seguro. – Escolhi a tua casa: porque a minha, afora este pajem, está cheia de espiões do rei Carlos.

NAMRY

Escusas pedir, quando podes mandar. – Faz o que te aprouver – Patkull

CENA IV

Os mesmos e Paikel, vestido de jornada. Patkull vai recebê-lo, Paikel e Namry param, encarando-se.

PATKULL

Entra, meu amigo – entra sem receios – certo que não me esperavas achar de companhia. – Entra! – Quê? Dar-se-á acaso que vos conheçais.

PAIKEL

Sim – conheço-a, porém é possível que outro tanto não aconteça à senhora Duquesa. As pessoas indiferentes usam de pouca impressão.

NAMRY

Bem vindo sejas, Senhor Paikel.

PATKULL

Melhor – estimo bem que a conheças, Paikel – estimo-o muito. Escusado será elogiá-la; porque quem uma vez tratou com a Duquesa de Mecklenburg conhece quão insuficientes são as palavras para a retratar. – É minha mulher, Paikel.

PAIKEL

Tua mulher?!

PATKULL

Brevemente o será, e tão boa estreia foi a tua que assistirás aos desposórios do teu amigo – dar-me-ás este prazer?

PAIKEL

Sim, sim, mas primeiro deixa-me congratular contigo pela tua boa fortuna; mais feliz do que eu; só a ti poderia eu dar parabéns dum dita que não pude gozar. (*Com intenção*) Aceitareis meus parabéns, senhora Duquesa?

NAMRY

Por que não, Senhor Paikel? De tão bom grado os destes ao vosso amigo – tão francamente lhe cedestes uma fortuna que

poderia ser a vossa – dissestes que seria faltar ao reconhecimento não vo-los aceitar – mil vezes obrigada, Senhor Paikel.

PATKULL

Basta de civilidades. Paikel, serás tão amigo da esposa como o és do esposo: e certo que algumas vezes te acontecerá esquecer-te das tuas lucubrações científicas e do ouro que procuras, quando topares com um verdadeiro diamante.

PAIKEL

Mas já te esqueceste que tinha de te falar?

PATKULL

Pelo contrário, lembro-me tanto que já pedi esta casa a Namry; estaremos aqui mais à nossa vontade, e como querias, longe de suspeitas.

PAIKEL

Bom será, porque é de segredo o que tenho de te comunicar; e contudo a senhora Duquesa poderá assistir à nossa prática.

NAMRY

Ainda quando eu vos pudesse ouvir, sem dúvida que tereis muito que vos dizer, depois de tantos anos de separação; assim estareis com mais franqueza. Se de alguma coisa careceres – chamarás, Patkull.

CENA V

PATKULL (*vê-a sair*)

É um anjo, Paikel – esta mulher é um anjo de bondade e candura.

PAIKEL

Dize antes que é uma Armida. – Aqui estás tu novo Reinaldo, no teu jardim de encantos – a descansar das fadigas da guerra

no seio da moleza e da voluptuosidade. E mal pecado, que eu não tenho o espelho onde possas ver quanto caíste de tão alto que estavas.

PATKULL

Tenho eu, Paikel; tenho no coração alegria e contentamento – tenho na alma tranquilidade e descanso – tenho amor que me embeleza todos os momentos da vida; sou feliz, e quem fosse meu amigo não me quisera ver desgraçado.

PAIKEL

É certo quanto me tinham dito!... E na minha consciência, eu que te conhecia de bem perto, apelidei calúnia quanto de ti me diziam.

PATKULL

Fizeste mal. O que há no mundo tão seguro e inabalável por que nos possamos constituir seus garantes? Não há prudente que diga: deste pão não comerei: é uma palavra de verdade, entre todas as verdades que prega o Evangelho. Há pouco tempo um rei desceu do trono ao cadafalso; e era um bom rei Carlos I. À árvore gigante que do cimo de um rochedo derrama a sombra até a profundez do vale, em alguns momentos baqueia em terra mais humilde que os bustos que a cercavam. Que muito?

PAIKEL

Há contudo, um povo que te adora, e que pensa que o seu nome te faria estremecer na sepultura. Dize, Patkull, neste retiro – não chegaram ainda aos teus ouvidos seus sofrimentos, não retumbou um grito desesperado – não ouviste teus irmãos, que te chamavam em auxílio?

PATKULL

Que mais querem de mim? Dei por eles quarenta anos da minha vida – sacrifiquei por eles meus bens e o meu repouso. Sofri por eles o degredo e traguei o negro pão de um mendigo: derramei

por eles meu sangue no campo da batalha – que mais querem de mim?

PAIKEL

Fizeste muito, Patkull, mas não tudo. Quererias tu perder quanto tens feito? Que importa se por um instante livraste o escravo da cólera de um senhor impiedoso, se o deixas na mesma escravidão, mais dura porque incitaste as iras do senhor.

PATKULL

Que façam como eu fiz.

PAIKEL

Porém tu eras só; sem família, qualquer lugar te oferecia uma pátria; qualquer distração um prazer.

Quererias tu que todos abandonássemos nossos lares, nossas terras; e só com nossas famílias e miséria, fôssemos pelo mundo como uma tribo errante de judeus, esmolando um asilo?

PATKULL

Quem quer ser livre pejeja: Paikel, esqueçamo-nos deles.

PAIKEL

E eles se não esquecem de ti, Patkull. Eu vi por mais de uma vez uma livônia que mal balbuciava o nome de sua mãe, pronunciar o teu, como se fora um nome de família. Eu vi por mais de uma vez o mancebo que sofria a tortura sem lamentações, nem lágrimas, invocar o teu nome, como se fora o nome de Deus. Mais de uma vez o velho calvo de cãs venerandas e de rosto engelhado, de quem tinham recrutado a filha para o leito de um Boiardo, e o filho para vir morrer nas guerras da Polônia, pronunciar teu nome como se por si só for uma vingança. – Patkull, um homem que um povo venera tanto, é um homem grande. Mas o que despreza tantas preces, não merece tanto amor.

PATKULL

Por mais de uma vez eu chamei por eles. Chamei-os para a vitória e liberdade; disse-lhes: tereis armas e munições; forragens e mantimentos para uma – para mil campanhas; e eles ficaram frios e gelados, como se eu falasse a um cadáver. – Não me fales neles, Paikel, esse povo é um povo de cobardes.

PAIKEL

Tu mesmo o disseste: não há prudente que diga: deste pão não comerei. Tu, que eras um lidador valente, cansaste – tu que eras um bom patriota, renegaste a tua pátria, e a não teres dado tantas provas de ambas, os nossos vindouros poderiam pôr em dúvida a tua coragem e o teu patriotismo. Não fales pois de coragem e patriotismo, que mal viste experimentada.

PATKULL

E que resultaria de me empenhar de novo em coisas de mau agouro?

PAIKEL

A glória.

PATKULL

Foi a ilusão dos meus primeiros amores; e por ela sacrifiquei minha vingança, que me devera ser sagrada. Sabes tu, Paikel, o que lucrei dos meus quarenta anos, com que a julgava sobejamente recompensada – o nome do egoísta. – Assim me chamaram uma caterva de escrivinhadores que formigam em todos os tempos e por toda a parte. Disseram que se eu sofria era por amor de mim! Almas pequenas, que não compreendiam o sacrifício de um ao bem-viver de muitos: Satíricos incoerentes e absurdos que me viam pôr em desleixo meus haveres e me chamaram – egoísta! Quisesse eu permanecer tranquilo espectador da escravidão dos meus! Pudesse cruzar os braços em vez de manejar a espada ou pena, dignidade e honras, e favores cairiam sobre mim como uma chuva de inverno. Oh!

Quão diversamente me julgava meu gracioso soberano Carlos XI!

PAIKEL

E é de Carlos XI que data o teu favor no entusiasmo dos teus irmãos. Certo que toda a Livônia estremeceu, como se ainda fosse hora do seu livramento, quando te escudou conciso e forte expondo as regalias dos teus compatriotas que a Suécia abocanhava como um povo de Ilotas. O opressor mesmo não pôde negar um bravo de entusiasmo e admiração aos 19 anos de tão leal representante.

PATKULL

E ainda se não tinha apagado o murmúrio que a minha voz fizera alevantar, quando um pregoeiro pelas ruas de Estocolmo declarava Patkull – réu de lesa-majestade condenado a ter as mãos cortadas; e o carrasco quebrava publicamente sobre um cepo meu braço tão nobre – e queimava os artigos do meu mandato tão aplaudido! E tudo isto para quê? Hoje os livônios dormem tranquilos na sua ignomínia e o fel da calúnia se derramou sobre o meu nome. Paikel, o homem pode resistir a perigos e a embaraços, porém não resiste à calúnia.

PAIKEL

O homem virtuoso geme da cegueira dos outros homens. Se a calúnia lhe enegrece uma virtude – outra virtude que responda aos gritos da sua satânica vitória. – Há uma coisa grande – Patkull – virtude – há uma coisa santa – o dever: – De ambas elas, nasce a glória que dura mais que a inveja. – E ao homem que pesa suas ações no foro da consciência – pouco se lhe deve dar do maldizer dos perversos.

PATKULL

Deixemo-nos disso, Paikel!

PAIKEL

Pelo contrário, falemos nisto!

PATKULL

Mas que queres tu que eu faça?

PAIKEL

Salva-os.

PATKULL

Salva-os?! Lindas Palavras, Paikel, lindas palavras de tragédia, que parecem dizer alguma coisa e não dizem nada – salva-os?!(*Com impaciência*) Julgas-me tu algum Deus, para que ao meu aceno se faça um mundo ou rebente água de um rochedo. – Tua idade indica mais experiência, Paikel!

PAIKEL

Salva-os; porque os podes salvar.

PATKULL (*pensativo*)

Como?

PAIKEL

E queres tu fazê-lo?!

PATKULL

Não é verdade que isto é uma simples conversação entre amigos?

PAIKEL

Um dia será pesado na balança da justiça eterna, não o bem que fizemos, mas o bem que poderíamos ter feito – Queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL

Se a minha vida a mim só pertencesse de bom grado a dera ao primeiro que ma pedisse. De sangue e bens fui sempre largo – Mas vês tu? Eu prometi a um homem no ato mais solene da vida – o da morte – defender sua filha, que eu amo, que sem ele

ficou órfã, e ficaria viúva sem mim. Dei-lhe a minha palavra de cavalheiro a ele e a ela, e deixá-la penhorada, seria justificar a sentença de Carlos XII quando mandou ao carrasco espedaçar as minhas armas em praça pública.

PAIKEL

Dou-te minha palavra que não há risco nem perigo – terás o poder de um rei: queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL

Fala.

PAIKEL

A Dieta de Varsóvia declarou vago o trono da Polônia: e por vontade de Carlos XII elegeu rei a Jaques Sobieski a quem devia pertencer o trono, se o trono da Polônia fosse hereditário. Jaques Sobieski e o príncipe Constantino aguardavam com impaciência o mensageiro, que lhe trouxesse novas da sua eleição. Um dia, quando caçava nas vizinhanças de Breslau – saíram de emboscada 50 cavaleiros saxônicos que os prenderam. O chefe dos cavaleiros fui eu – tínhamos cavalos folgados e de muda; e assim os conduzi a Leipzig antes que em Breslau corresse a notícia de sua prisão. A Dieta não o pode declarar incapaz de reinar porque ainda ontem o elegeu – não o podem destituir, porque nem lhe podem forjar culpas. Outra Dieta poderia revogar aquela – porém a pertinácia e inflexibilidade do rei Carlos não o deixarão mudar de propósito. E o reino ficará sempre nas mãos do rei Augusto. Talvez que Augusto pretenda fazer as pazes, porque a sua Saxônia também para nas mãos o vencedor. Fleming assim mo deu a entender; e eu o creio. O rei da Suécia tem já parte do seu acampamento dentro do Império; presume-se que pretende destronar também a casa de Áustria. Neste caso uma paz com a Rússia torna-se necessária; no turbilhão de tantos e tamanhos interesses a Livônia pouco avulta. Talvez por estes tratados se firme a sua liberdade, se houver um político esperto e diligente que a defenda; serás tu. – Se falhar a política – 80.000 homens cobrem as fronteiras da

Livônia – poderás pôr uma contradição a Carlos XII; e será desfeito o tratado com a Rússia. E então ver-te-ás generalíssimo de Grão Czar. – 80.000 guerreiros cobrem a Polônia palmo a palmo, e se vivos não a pudermos defender, nossos cadáveres formarão uma muralha mais impenetrável que as da China.

PATKULL

Muito bem, Paikel, e agora tenho de me ir apresentar a Carlos XI como ministro da Livônia?

PAIKEL

Não; irás a Dresde ter com Augusto – como plenipotenciário do Tzar Pedro – Imperador de todas as Rússias.

PATKULL

E as provas?!

PAIKEL

Ei-las – É o diploma selado com as armas do Império, e do próprio punho do Imperador.

PATKULL

Vamos: será o derradeiro esforço! Far-me-ás tu um favor?

PAIKEL

Fala.

PATKULL

Ficarás aqui com Romhor.

PAIKEL

Patkull.

PATKULL

É um favor, meu amigo, porém que eu só de ti aceitaria.

PAIKEL

És generoso.

PATKULL

Generoso?! Tu brincas? Se o que ora vou fazer fosse por ti – seria falta de generosidade pedir como um salário do serviço não prestado, mas ainda assim eu te pediria o mesmo favor, que em iguais circunstâncias também to faria.

PAIKEL

Talvez que não!

PATKULL

Não mo queres fazer?

PAIKEL

Não te posso dizer que não; mas se houvesse outro meio...

PATKULL

Já te disse que só de ti a fiava.

PAIKEL

Fico.

PATKULL

Obrigado, meu amigo. (*Tocando uma campainha. Entra um pajem*) Que é do meu pajem?

O PAJEM – Aqui está!

PATKULL

Dize-lhe que o chamo. (*Continuando. – O pajem sai*) Não me posso despedir dela, Paikel, que certo não partira – levo rasgado o coração por ter de a deixar, dize-lhe o porque parti – que não há perigos, que não há riscos, que breve serei dela. (*Entra Wolf*) Wolf, eu parto, não sei quando serei de volta, tu aqui ficarás.

WOLF

Por que me não levais, Senhor?

PATKULL

Fica, Wolf; para nós ambos é melhor que fiques. – Ficarás com a Senhora Duquesa, e se alguma novidade ocorrer – que me seja importante saber – algum infortúnio – alguma fatalidade – virás ter comigo a Dresde. – Traze o meu manto.

WOLF

Neva muito, Senhor; algum temporal estará próximo a rebentar porque relampeja para o norte e a noite tornou-se escura e feia.

PATKULL

Não importa, bom pajem. (*O pajem sai. Ele a Paikel*) Pressinto alguma desgraça, Paikel.

PAIKEL

Não será nada: são saudades que levas, e que minguarão a distância e o nojo da jornada.

(*Entra o pajem, põe o manto*)

PATKULL

Adeus Wolf – abraça teu amo. (*Wolf chega-se e ele o abraça*) Adeus Paikel. (*Estende-lhe a mão*)

PAIKEL (*vê-o sair – fica um pouco a olhar para a porta que se tem fechado, olha para a câmara de Romhor – dá dois passos para ela apertando as mãos contra os peitos*)

E eu fico.

ATO II

PERSONAGENS:

NAMRY

ROMHOR

BERTHA

PAIKEL

WOLF

UM PAJEM

A cena se passa no Ducado de Mecklenburg. A mesma sala que a do ato primeiro

CENA I

PAIKEL (*entra*)

Ainda a não pude ver um só instante – ontem passei o dia silencioso e tristonho à espera de mensagem dela... e esperei debalde: hoje me recusou ela uma entrevista pretextando incômodo... Hei de falar-lhe. (*Toca a campainha*) Abusar assim da confiança de um amigo, da sua cordialidade e franqueza, é uma infâmia. – Mas por que me roubou ele o coração de Namry – por que se veio interpor no meu caminho? (*Entra o pajem*) Que me queres?

O PAJEM – Pensei que éreis vós quem chamáveis! (*Indo para sair*) Perdoai!

PAIKEL

Sim, fui eu: dize-me – poderei falar à senhora duquesa?

O PAJEM – Dizem que amanheceu doente.

PAIKEL

Quanto o ama! (*À parte*) E tu, pajem, podes-lhe falar?

O PAJEM – Nada. Senhor, não.

PAIKEL

Quem então?

O PAJEM – A sua dama, Senhor.

PAIKEL

E ela?!...

O PAJEM – Está também doente.

PAIKEL

Por Deus que é muita moléstia num dia. Pajem, faze o que quiseres, avém-te lá como puderes – hás de fazer chegar aos ouvidos da senhora duquesa que eu tenho que lhe dizer da parte do senhor Patkull, e que talvez daqui a uma hora já tenha partido. (*Faz-lhe sinal com a mão que saia*) Vai bem diverso o tempo de quando a todos os instantes me esperavam, apesar de estranha vigilância, Namry?!

(*Entra Wolf*)

WOLF

Senhor Paikel! Senhor Paikel!

PAIKEL

Que tens tu, pajem?

WOLF

Notícias de meu amo, mandou-as ainda de caminho, e que a esta hora estaria em Desdre!

PAIKEL

Tu amas muito meu amo, Wolf!

WOLF

Ele também me ama muito!! Ainda pequeno fiquei sem pai, nem mãe; passou ele acaso por Casimir onde era meu tio carcereiro da prisão do rei. Ele viu-me e como meu tio de pouco

me poderia servir, cedeu-me ao senhor Patkull que disse me havia de fazer feliz. Meu bom tio se despediu de mim chorando, porque me amava muito o bom Sally! Depois desse tempo tenho sempre vivido com ele: se soubésseis quanto é meu amigo!! Quanto o amo...

PAIKEL

Tens razão, Wolf, ama-o muito e não terás de que te arrepender. Ele é um amigo que não traiçoa o seu amigo, sua palavra é santa e pura. Tu és novo, Wolf, na tua idade ainda há reconhecimento para um sorriso, e amor para o mimo que nos mostram. (*Entra a duquesa um pouco pálida e vagarosa*) Vai, bom pajem, logo mais falaremos.

CENA II

Namry Romhor e Paikel.

NAMRY

Mandastes-me dizer, Senhor, que tínheis recados para mim da parte do vosso amigo!

PAIKEL

E a não ser isso, não é verdade que nem sequer uma vez, vos dignaríeis de mostrar-vos ao vosso hóspede?

NAMRY

Ninguém vos mandou aceitar a sua hospedagem, Senhor.

PAIKEL

Foi a única desculpa que me não veio à mente. Patkull rir-se-ia se eu lha desse; e eu talvez que outro tanto fizesse ao sensato que a sonhasse!

NAMRY

Nem era mister que lhe désseis precisamente esta: bastava recusar. Um pretexto de negócio ou de interesse nunca falta ao homem; é um motivo que todos compreendem!

PAIKEL

Todos! Senhora!! É certo que não daríeis crédito ao homem que vos dissesse: interesse e glória tenho eu sacrificado para seguir a ilusão de um tempo que já passou, memórias de amor correspondido, sonhos ditosos da infância que o acordar dos anos dissiparam na mulher que então me amava.

NAMRY

Senhor Paikel!

PAIKEL

Quando ele vos dissesse; soube que estavas presa em novo enleio, e esta certeza não deu quebranto ao meu amor, não o acreditareis por que não é do interesse do homem o aviltar-se?

NAMRY

Sim.

PAIKEL

Não o acreditaríeis quando ele vos dissesse, sacrifiquei o meu repouso; vaguei noite e dia ao vento e à chuva – aos raios do sol e ao frio de inverno para demorar ao menos por um dia um casamento, que se ia concluir, e roubar-me para todo sempre esperanças de ventura tão mimosa que a existência me douravam!

NAMRY

Paikel!

PAIKEL

Se ele vos dissesse eu tenho um amigo; amava-o como se ele fora meu irmão, como a mim próprio: Estivesse eu a rezar sobre o túmulo de meu pai – iria para ele quando a sua voz me

chamasse. Estivesse eu a morrer de fome e de sede – dar-lhe-ia o único pedaço de pão que me pudesse aliviar a fome – dar-lhe-ia a sede de água que me pudesse umedecer as fauces! Eu amava-o; e para ver a mulher que amava manchei a minha honra, e trai a amizade! Também o não acreditaríeis, porque a honra e amizade valem mais que o ouro, mais que o sangue!

NAMRY

Se Patkull vos ouvisse!!

PAIKEL

Foi por isso que o mandei para longe. Mas em troco de um momento, que seria de delícias para ele e nada mais para mim que absinto e fel, dei-lhe honras e consideração. Eu bem sabia que ele tinha no coração uma corda inteira, que vibraria a todo o momento como uma harpa vaporosa; bem sabia eu que o nome da Livônia ainda era para ele mais que um nome. Vali-me dessa virtude – e em recompensa do amor lhe dei a glória! Há homens bem afortunados neste mundo; quando a desgraça como um céu grávido de tempestade paira sobre eles; então lhes sorri a fortuna mais brilhante, como o raiar de um sol de primavera.

NAMRY

Por que falais assim, Senhor?

PAIKEL

Por quê?... Porque eu não sou desses homens, e no entanto pouco me bastava para o ser. Porém minhas palavras são um enigma que pareceis não compreender!... Quem o dissera!... Se algum venerável astrólogo lesse nos astros tão incrível horóscopo, certo que eu me rira da sua ciência, e deixaria o velho ausentar-se impune, condoído de tanta loucura! Hoje não me entendeis, Namry – minhas palavras ferem os vossos ouvidos como se foram um monumento de pedra, que mas repercutisse em eco; minha presença vos escandaliza; e para mim até deslembastes a polidez com que tratais a todos.

NAMRY

Quereis perder-me, Senhor?

PAIKEL

Senhor! Sempre Senhor! A pouco resumes a tua civilidade, Namry... Quero-te contar uma história. Havia um duque... não sei onde! Poderoso e nobre era o duque – cheio de altivez e de orgulho – porém severo guardador da sua palavra – um pobre cavaleiro amava a filha do duque, julgando haver na filha tanta religião de palavra, como no pai: tal não era. Amavam-se ambos! Porém de que vale o amor quando reina o interesse! Por interesse o duque negou sua filha ao cavaleiro e a filha chorou porque nesse tempo também o amava. Depois... familiarizou-se com a sua sorte; pouco a pouco abraçou as opiniões do pai – e renegou o amante, como o pai tinha rejeitado o amigo. É bem verdade o que dizeis, Senhora: o interesse é um motivo que todos compreendem!

NAMRY

Não mais – Senhor. – Promessas da infância, dita-as a imprudência – hoje o dever se opõe a elas. – Eu não vos iria pedir contas do que houvésseis feito; não mas vinde também pedir – a mim.

PAIKEL

Não vos peço contas – somente como talvez seja a última vez que nos veremos – conto-vos uma história – coisas de que me pareceis esperta – eu vos dizia, Namry, que a filha do duque e o cavaleiro se amavam. Não se tratavam como nós por Senhor: esse véu grosseiro de civilidade que não diz amor, nem gratidão porque indistintamente se confere a todos; tratavam-se por tu. A filha do duque... não me acorda o seu nome – chamá-la-emos Namry – Namry, essa moça inocente e pura, que a não acharíeis mais. O cavaleiro pensava que dificultosamente a possuiria: e em um dia pensando nisto, chamava-lhe a senhora duquesa –

então a pobre moça chorava e soluçava, que não havia acabar com tais soluços porque se julgava menos amada.

NAMRY

Por piedade!

PAIKEL

Como ela se enganava a si própria! Criatura inocente? Como a fé do seu coração se debateria em um caos de sombras e de trevas, se lhe dissessem então que ela um dia não compreenderia as palavras daquele de quem até adivinhava os pensamentos! Um caso mal apercebido – um volver de olhos insignificante – uma flor colhida há pouco – e lançada no meio duma leiva de flores – uma pegada simples no meio de uma alameda – tudo tinha um nome – uma significação – uma lembrança. Acreditareis isto, Namry!

NAMRY

Quereis perder-me?

PAIKEL

Perder-vos, Senhora! Brincais comigo! Perder-vos – a mulher sisuda e grave que lançou o esquecimento sobre o passado, como se lança uma mortalha sobre as feições decompostas de um cadáver – a mulher que tem tão gravados na sua consciência seus deveres de hoje – que nem se lembra dos de ontem!... Perder-vos! Se outra pessoa me dissesse estas palavras no meio do rumor e do giro de regozijo e festa, sem dúvida que eu as aceitaria como uma delicada galanteria.

NAMRY

E no entanto tu bem vês que eu luto comigo mesma para não ceder – Não sabes que horrível seria atraiçoar assim: eu, o esposo tão amante – tu, o amigo tão sincero. Tem piedade de mim!

PAIKEL

E o que pediria a vítima, a quem o carrasco martirizasse a golpes de mal afiada segure? Em breve te cingirão os braços do teu esposo, e te esquecerás do malfadado que se irá por terras de estranhos com a dor no coração – e as lágrimas nos olhos. E o que pediria eu, Namry?

Ainda há pouco apareceste diante de mim com as sobrancelhas carregadas de increpações, e me endereçaste palavras de amargor e de cólera que eu duvidei por um instante, se eu era verdadeiramente Paikel – e tu verdadeiramente Namry Romhor – e se ambos nós nos tínhamos amado em outros tempos.

NAMRY

Por Deus, Paikel – que queres tu que eu faça?

PAIKEL

Nada, Namry; não quero nada. E se tu soubesses?... Quando soube que já me não amavas – quando mais não pude duvidar – fiquei estúpido e frio como uma rocha batida pelas vagas – Depois mil pensamentos remoinharam em minha alma; eu me julguei doido, e a cabeça se me estalava com dores. Quis te ver ainda uma vez, porque visse se eras tão bela como dantes, do que eu duvidava. Trazia mil coisas para te dizer – mil palavras de furor e desespero – de injúria e de insultos – e tudo se acabou quando te avistei. Se estivéssemos sós, eu me lançaria a teus pés para te pedir perdão de ter desconfiado de ti e hoje mesmo, ainda o faria se me não viesse gelar a voz nos lábios com tua voz fria e grave.

NAMRY

Meu Deus, meu Deus!

PAIKEL

Uma palavra só, e eu me retiro para sempre: Namry, por nosso amor tão formoso de outras eras – pelo amor que hoje tens se te não acordas do pobre homem que te adorava com todas as veras do seu coração, Namry, já me não amas?

NAMRY

Por que mo perguntas, Paikel?

PAIKEL

Por Deus – eu to suplico – Dize-me uma palavra só – e eu me irei, Namry; e nem mais ouvirás falar de mim se notícias minhas te importunam – não me amas?

NAMRY

Mas seria fazer-te uma confissão!

PAIKEL

E é o que te peço – livra-me desta dúvida que me esmaga o coração: Dize-me que sim ou que não – pouco será para ti dizeres uma palavra – só – nada mais que uma palavra. – porque não me posso persuadir que em tão pouco tempo te esquecesses de tudo. Livra-me desta incerteza que me endoidece – por quem és – e eu te beijarei as mãos e os pés – e o sítio em que pisas – dar-te-ei minha vida se ma pedires, e bendirei o teu nome.

NAMRY

Basta! Basta! Meu amigo. (*Abraçando-o*)

PAIKEL (*apertando-a nos braços*)

Meu amigo!

NAMRY

Deixa-me chorar – deixa-me chorar de prazer nos teus braços, meu Paikel, custava-me tanto ver-te sofrer! (*Abraçados*)

PAIKEL

Eu bem sabia que tu eras sempre a minha Namry – e que o meu coração não me enganava. (*Ela tem a cabeça nos ombros dele*)

NAMRY

Vem gente!

PAIKEL

Não é ninguém – deixa-te estar sobre o meu coração – deixa-me ver o teu rosto – há tanto tempo que não via – precisava tanto de ti! Precisava tanto do teu amor! (*Abre-se a porta e aparece Bertha*)

CENA III

Paikel tem as costas para a porta da esquerda do espectador, por onde entrou Bertha – Bertha traz um véu e para um pouco à porta. Paikel, que ficou a olhar para o sítio por onde desapareceu Namry, olha repentinamente para trás – e dá com Bertha.

(Paikel e Bertha)

BERTHA

Muito sinto de vos ter surpreendido, Senhor!

PAIKEL

Como deveis saber, a casa não é minha – tendes direito de entrar nela e disto nada estranho. – Mas como agora me parece que tendes de me falar – dar-me-ia por mui feliz se em alguma coisa vos pudesse ser agradável.

BERTHA

Obrigadíssimo, Senhor – porém não vim para vos pedir favores.

PAIKEL

Não tendes que me agradecer, a não ser a minha boa vontade; e apesar de tudo ser-me-á permitido pedir-vos um favor com tanta franqueza com quanta recusaste o meu préstimo.

BERTHA

Podeis pedir, Senhor – porém desde já tende a certeza de que não vo-lo faço.

PAIKEL

E por quê, Senhora?

BERTHA

Porque nada me poderia pedir Paikel que eu lho pudesse fazer.

PAIKEL

Oh! Mas parece que já nos conhecemos.

BERTHA

Tendes tido o cuidado de escrever o vosso nome por tanto lugar imundo e sórdido, que não é muito que eu vos conheça.

PAIKEL

Perdoai, Senhora – porém para ter tido o meu nome em tais lugares – seria preciso ter-vos abaixado até eles.

BERTHA

Vós o dizeis, Senhor! (*Descobre-se*)

PAIKEL

Bertha!!!

BERTHA

Já me conheceis, Senhor? Julguei que já vos teríeis esquecido das minhas feições como já vos esquecestes da minha voz. Ora pois, agora que me conheceis – dizei-me: não é verdade que já descí bem baixo, aos mais ínfimos degraus da sociedade – aos lugares mais torpes e obscenos? Dizei-me!

PAIKEL

Que vieste aqui fazer, Bertha?

BERTHA

Essa pergunta deveria ser a minha; mas... responder-vos-ei; inquiri a vossa consciência se ainda a tendes, e ela vos dirá o

que aqui vim fazer. – Pesai as vossas intenções, Senhor, e concluireis depois que por amor de vós e por amor de mim – livreis-vos de ser um infame sedutor por mais uma vez – e um amigo ingrato e refalsado, se já o não fostes.

PAIKEL

Quem te disse que eu a queria seduzir, Bertha?

BERTHA

Digo-to eu, Paikel – porque conheço-te mais a ti do que a mim própria. Digo-to eu, porque sei que o farias de bom grado sem te dares da mulher que desonravas – sem te dares, nem da sua honra, nem da tua, porque essa pobre mulher também te ama. E finalmente, Paikel, digo-to eu porque conheço os teus projetos.

PAIKEL

Bertha, sempre é bem feliz uma mulher com ser fraca, porque pode impunemente com o que lhe vem à fantasia atirar à cara de um homem, e insultá-lo como lhe apraz.

BERTHA

É o que eu disse, Paikel – é bem feliz a mulher; dize, não te parece que é bem feliz quando compra, como eu comprei, a liberdade de um homem; e quando o insulta, como ora faço? Dir-te-ei mais, Paikel, mente – quem emprega manhas e artifícios para enganar a uma mulher – é um embusteiro: – e quem depois de a ter humilhado a abandona, sem se lhe dar do seu futuro é um cobarde – um infame.

Oh! Como eu sou bem feliz em te poder lançar em rosto todas estas baixeiras, que fariam corar o mais vil lacaio, e que te não podem fazer subir a cor às faces!

PAIKEL

Já vejo que de propósito vieste para me insultar.

BERTHA

Já vos disse para o que vim – livrar-vos de uma infâmia e facilitar-vos a reparação de outra.

PAIKEL

Dizei – bem vedes que estou benévolo e tranquilo, e que ouvirei paciente de uma senhora tão polida a negra relação dos meus delitos – sentai-vos!

PAIKEL

Então falai breve – porque me arreceio de que a minha impaciência afugente a minha civilidade – e neste caso – sentiria não vos poder escutar até o fim.

BERTHA

Como quiserdes!

PAIKEL (*gesto de impaciência*)

Tratarei de vos interrogar, Bertha, a ver se mais depressa nos aviamos. Tereis a bondade de me informar dos meus projetos?

BERTHA

Seria inútil – porém eu vo-los direi – para vos diminuir a vaidade de pensardes que ninguém aventa as vossas intenções. – Não foi por amor da Livônia ou pela glória do vosso amigo – que o fizestes sair daqui: precisáveis de estar só para melhor levar ao cabo a vossa empresa e vistes com a máscara na cara – e o fingimento nos lábios atraiçoar o vosso amigo, se me não interpusesse entre vós ambos, mais forte do que a inocência de Romhor, mais vigilante do que a credulidade de Patkull.

PAIKEL

E sem dúvida terei tramado contra ele alguma horrível emboscada!

BERTHA

Que dúvida?

PAIKEL

Oh! Meu Deus!

BERTHA

Tremo por alguém. Paikel, quando te sorris para ele – quando lhe endereças palavras sedutoras, quando espontaneamente obsequias. – Armastes ao teu amigo alguma horrível emboscada – tu o disseste.

PAIKEL

Bertha, Deus te livre de amigos que assim pensem de ti.

BERTHA

Deus me perdoe, se me engano; porque já me tens dado razões sobejas para duvidar do bem que pareces fazer.

PAIKEL

E não receias que pensem mal de ti, quando pensas mal de todos?

BERTHA

Não. Porque ainda conheço corações inocentes e virtuosos. Somente agora não sou tão fácil de enganar, como já o fui em outros tempos: tu bem o sabes, Paikel.

PAIKEL

Bertha, por que havemos de estar assim a estomagar-nos cruelmente um ao outro? – Eu bem sei que tu tens razão – muita razão – para me tratares com tanta dureza: eu mesmo me condeno porque baixamente me portei contigo – portei-me como um peão, como um servo. – Eu bem o sei, Bertha. Ainda que eu me lançasse de joelhos a teus pés, não me quererias perdoar, e contudo nunca te deixei de amar, Bertha: ainda hoje te amo; ainda te amo como sempre; como no dia em que abandonaste teus pais, teus lares, para seguires o simples cavaleiro Paikel – que nada mais tinha para te oferecer que o seu amor.

BERTHA

Já uma vez me enganaste!

PAIKEL

Não! Nunca te enganei porque o teu amor ficou sempre comigo. – Crês tu que um homem possa esquecer momentos tão deleitosos, como os que eu passei ao teu lado? Esquecê-los-ás tu, Bertha? Não, não os esquecerás porque também eu me não esqueci deles.

Quando o amor é tão ardente e tão profundo como o nosso, Bertha, dura por toda a vida e o coração não pode amar duas vezes por igual modo.

BERTHA

Mas tu amas a esta mulher, Paikel.

PAIKEL

Não o creias. É uma distração – uma ilusão – um passatempo, porém nunca será o amor. Se tu me amasses ainda? Tu verias se o meu coração se tem envilecido – Bertha, ainda poderíamos ser felizes como no tempo em que eu te dizia: eu te amo. – E tu me abraçavas e com teus lábios, que se sorriam, derramavas sobre os meus um prazer indizível, inefável, que – que nunca igual experimentei.

BERTHA

Falas tu verdade, Paikel?

PAIKEL

Meu Deus, meu Deus – como te poderei eu persuadir? Dize o que queres tu que eu diga ou faça, para que me possas acreditar. – Eu o farei, Bertha eu o direi – oh! Se eu pudesse dizer tudo quanto sinto por ti! – tudo quanto me enche o coração, e que eu mal posso traduzir – tu me perdoarias – Bertha, tu me amarias.

BERTHA

E esta mulher?

PAIKEL

Já te disse que a não amo – não amo senão a ti, minha Bertha. – Queres tu? Deixemos esta casa – esta terra – iremos nós ambos, nós sozinhos para longe – para muito longe – para a nossa casinha de Olitta, Bertha; e ali acharemos o prazer que ali deixamos, que ali nos sorria e o nosso amor tão puro e tão terno.

Tu bem sabes o amor que eu tenho à ciência – o amor da glória, que me não podia fazer esquecer. – Pois bem – Bertha – deixar-me-ei das minhas experiências que tanto te assustavam, e nem me ouvirás falar de alquimia ou de pedra filosofal – Queres tu? Oh meu Deus, não terás tu unicamente direito ao coração. – Já me não amas, Bertha?

BERTHA

Paikel.

PAIKEL

Fujamos daqui, meu anjo, meu amor; Bertha. *(Pegando-lhe nas mãos)* Iremos para onde te aprover – sempre amantes – sempre unidos, na vida como na morte – Bertha?!

BERTHA

Seria verdadeiramente horrível que me enganasses segunda vez – Paikel! – Eu conheço que é possível – que um dia o farás talvez. – Não importa, Paikel; – eu também te amo. *(Vai para o abraçar – ele pega-lhe nas mãos e recua, para que ela o não abrace e ela cai de joelhos)*

PAIKEL *(a rir-se)*

Sois bem difícil de enganar, Bertha!

BERTHA *(com a cara escondida no seio)*

Desgraçada que eu sou!

PAIKEL

Desgraçada que tu és, Bertha. – Vês tu que eu poderia fazer de ti tudo quanto me aprouvesse. – Vês tu que estás a meus pés como se foras a criminosa. – Vês tu que eu sei que ainda me amas, e que rejeitei o teu abraço, como rejeitei o teu amor.

BERTHA (*tapando os olhos*)

Paikel!

PAIKEL

Desgraçada mulher, chamaste-me vil – infame – cobarde – chamaste-me que sei – eu... E conclues dizendo – eu te amo: por Deus que é incrível o teu amor! Amares qualidades tão infames!

BERTHA

Tem piedade de mim!

PAIKEL

Não mereces nem amor, nem piedade; mas terei compaixão de ti, se vir que as tuas faces ainda se não esqueceram de corar.

BERTHA (*levantando-se resoluta*)

Só esta vez, Senhor. – Não vos falarei agora porque não terei palavras para vos dizer quanto foi baixo e vergonhoso o modo por que me haveis tratado: – Paikel – eu era rica e nova – tinha pais que me amavam, teria mil amantes se os quisesse, e tudo abandonei por amor de ti. – É da tua honra salvar a mulher que deixaste em tal abandono – queres salvar-me?

PAIKEL

Não.

BERTHA

Paikel, medita bem – tu me desonraste, humilhaste-me aos olhos de minha própria mãe – tu me seduziste no tempo em que

me chamavas bela. – Esse tempo passou, bem o sei, mas foi o teu amor fatal quem me pôs a palidez nas faces, e o desespero no coração. – Fatigado com o meu amor me lançaste no mundo com a fronte cingida de vergonha e de opróbrio – Paikel! – queres tu salvar-me desta vergonha e deste opróbrio?

PAIKEL

Não.

BERTHA

Se não por amor de mim ao menos por amor de ti. Já sabes como eu amo – vê se me saberei vingar. – Não te iludas. – Não creias mais em amor de minha parte porque o acabaste de assassinar. – Mas, terrível é a vingança da mulher que nada respeita, e tu nada me deixaste de sagrado. – Não queres?

PAIKEL

Não.

BERTHA

Paikel, ainda uma vez.

PAIKEL

Não, mil vezes não.

BERTHA

Nada mais tenho que vos dizer, Senhor! (*Paikel encara-a um pouco com ar de triunfo e sai*)

Como pude eu amar a este homem, meu Deus. Paikel?! Paikel?! Oh! Que em breve te arrependerás. (*Ela pensa um pouco. – Aparece Wolf*) Estou vingada! Wolf.

CENA IV

Wolf e Bertha.

WOLF
Que tens tu?

BERTHA
Não me disseste que o Senhor Patkull te ordenara de o ir avisar se por aqui acontecesse alguma fatalidade?

WOLF
Disse sim, mas que tens tu?

BERTHA
Nada, Wolf – tens de ir ter com teu amo.

WOLF
Eu!

BERTHA
Tu, Wolf – porque lhe aconteceu uma desgraça.

WOLF
Uma desgraça – Bertha?

BERTHA
Sim – Wolf – partirás agora mesmo, sem dizer nada a ninguém, e dirás ao Senhor Patkull que Romhor o não ama.

WOLF
Quê?

BERTHA
Que ama outrem.

WOLF
Ela?

BERTHA
E que Paikel é o seu rival.

ATO III

PERSONAGENS:

NAMRY

ROMHOR

PAIKEL

BERTHA

UM MENSAGEIRO

UMA CRIADA

QUADRO I

A mesma sala que a do ato segundo.

CENA I

NAMRY ROMHOR (*vestida de preto*)

Patkull?! Meu Deus, por que o prenderiam? É uma coisa inaudita, absurda, impossível – um embaixador de um aliado – um amigo de Augusto!!

CRIADA (*entrando*)

Senhora, acaba de chegar um mensageiro que vos pretende falar.

NAMRY

Que entre já – não te demores. (*A criada sai*) Ao menos agora saberei alguma coisa com mais certeza. (*Entra o mensageiro*)

O MENSAGEIRO (*ajoelha-se e beija-lhe a mão*)

Saúde e contentamento à Senhora Duquesa.

NAMRY

Deus te dê saúde e contentamento e eu te darei o que me pedires e o que eu te puder dar, se me trouxeres notícias de paz e contentamento.

O MENSAGEIRO

Nem de paz, nem de contentamento. – São novas de mau agouro, Senhora. – É pesado ouvi-las e triste o ter de as dizer.

NAMRY

Fala sem receio. É verdade que Patkull foi preso?

O MENSAGEIRO

Sim, Senhora Duquesa.

NAMRY

Está já morto?

O MENSAGEIRO

Condenado à morte.

NAMRY

Condenado à morte! Sabes tu o que dizes, homem? Condenado à morte!! E por quê? Sabes tu por quê?

O MENSAGEIRO

Não o sei e ninguém o sabe com certeza. – Ele mesmo é quem o disse – quando o prenderam. O rei Augusto não lhe quis falar, e ele está na prisão de Roenigstads.

NAMRY

E o rei Augusto?

O MENSAGEIRO

Está por ora em Dresde.

NAMRY

Sabes um caminho seguro e breve.

O MENSAGEIRO

Poderei lá estar em duas jornadas.

NAMRY

Descansa que partiremos ambos.

O MENSAGEIRO

Vós, Senhora?

NAMRY

Descansa, e não haja demora na partida – vai. *(Ele sai)*

CENA II

NAMRY

Dizem que o rei Augusto é um bom rei – eu lhe irei falar. – Dizem que é desgraçado? Tanto melhor, que mais depressa se condoerá de mim – e mandará soltar o pobre Patkull – que o serviu tantas vezes – de conselhos – e com o seu braço – Patkull? Por muito tempo me tenho esquecido dele! Pobre homem – que tanto me amava. *(Entra Bertha)*

CENA III

Berta ajoelha-se aos pés de Romhor.

NAMRY

Que fazes tu, Bertha?

BERTHA

Vosso perdão, Senhora.

NAMRY

Sou eu que te falo, Bertha; não me conheces?

BERTHA

Vosso perdão, Senhora.

NAMRY

Ora vamos! Que me poderás ter tu feito, para que me venhas assim pedir perdão? Levanta-te e eu também te pedirei perdão porque te chamei minha amiga e por muito tempo me tenho esquecido de ti... e não só de ti, minha amiga! – Vamos.

BERTHA

Não vos mereço tanta bondade.

NAMRY

Estás-me a inquietar seriamente – que tens tu, Bertha?

BERTHA

Remorsos do que fiz, Senhora.

NAMRY

E é coisa que eu te possa perdoar? Como me poderias fazer mal?

BERTHA

Eu o fiz, Senhora.

NAMRY

Olha – Bertha – talvez que fosse melhor que deixasses para outra vez o que agora tens para me dizer porque tenho deveres a cumprir que me chamam longe daqui. – Mas não te posso deixar assim, Bertha – fala, se o teu perdão depende de mim, estás perdoada – não tenhas vergonha nem receios, porque bem sabes que eu sou tua amiga.

BERTHA

Eu amava, Senhora.

NAMRY

Bem o sei.

BERTHA

Oh! Como haveis de me odiar!

NAMRY

Sê breve.

BERTHA

Ao vosso amigo.

NAMRY

Bem o sei.

BERTHA

Como! Sabéis! (*Encarando-a e levantando-se*)

NAMRY

Sim – era só o que me querias dizer? Estavas com tanto mistério para nada.

BERTHA

Não era só isto.

NAMRY

Então acaba.

BERTHA

A minha história é longa.

NAMRY

Queres matar-me de impaciência!

BERTHA

Sabeis quem sou eu?

NAMRY

Filha não sei donde – educada por caridade de não sei quem: – e depois.

BERTHA

Não, Senhora. – Nasci feliz e rica. – Meus pais me amavam – e faziam o que lhes eu pedisse. – Nunca contei com piedade – porque nunca supus carecer dela. – Então me apareceu Paikel – e disse que me amava – eu o acreditei enquanto não fui traída. Finalmente deixou-me só e abandonada.

NAMRY

Que te importa! Crê-me, Bertha, por mais forte que seja o amor nunca dura por toda a vida. – Esquece-te dele.

BERTHA

Fugi com ele – e por ele abandonei tudo quanto neste mundo me era mais caro. Abandonei meus pais e minha fortuna – e depois ele pretextou uma viagem e partiu – nem mais ouvi falar dele.

NAMRY

Falas de Paikel – Bertha?

BERTHA

Sozinha e fraca não tinha meios para ganhar a vida. Lembrei-me de meus pais mas eu não queria entrar em casa com a vergonha no rosto – e manchar os últimos instantes de quem me tinha cercado a meninice de tanto amor e carinhos. Não – eu queria antes morrer do que encontrar meus olhos com os olhos de meu pai – que morreu de vergonha. Seria longo dizer-vos os transe que passei – o que eu sofri de baixaza – de insultos e de orgulho – de homens e mulheres – chorei lágrimas de desespero quando nem uma esperança me restava sobre a terra – por acaso encontrei vosso pai, e desde esse momento vos tenho servido.

NAMRY

Falaste a Paikel?

BERTHA

Foi generoso em demasia – ajuntou o insulto ao abandono. – Tentei tudo para o comover, mas nada achei do que eu buscava. Foi então que para me vingar dele revelei tudo a Wolf – que já partiu para ir ter com seu amo – e para lhe contar o vosso amor.

NAMRY

Eu o mereci!... Porque me abaixei a amar esse homem. – Os homens! Os homens! – Não chores, Bertha – o teu nuncio de mau agouro não dará essas novas porque certamente não poderá falar com Patkull – que queres tu fazer?

BERTHA

Vingar-me.

NAMRY

Vingar-te! E que ganharás tu com isso?

BERTHA

A vingança.

NAMRY

E podes tu gozá-la?

BERTHA

Talvez.

NAMRY

Eu verei se podemos arranjar uma reparação: vai – faz saber a Paikel que lhe pretendo falar. (*Bertha sai*) Quem nos dirá a nós outras pobres mulheres o que se passa no coração de um homem. – Só palavras têm nos lábios – palavras que mentem – olhos que mentem, que dizem virtude quando a consciência diz crime. Os homens! Onde haverá mais falsidade? Eles que são mais fortes! Empregarem assim mentira! Perpetrarem assim vilezas!

(*Entra o mensageiro*)

CENA IV

O MENSAGEIRO

Aqui estou, Senhora Duquesa.

NAMRY

Estás pronto?

O MENSAGEIRO

Às ordens da Senhora Duquesa.

NAMRY

E a carruagem?

O MENSAGEIRO

Também pronta.

NAMRY

Vai – brevemente serei contigo. (*Ele sai*)

Vejamos se posso tirar uma boa ação do que a consciência me exprobrava como um crime – certo que o farei. – Paikel ama-me, ainda há pouco mo disse. – O amor nada pode recusar, dizem. – Oh! Eu o farei!! (*Entra Paikel*)

CENA V

PAIKEL

E o que não farias tu – Namry. – Tudo quanto cabe nas forças de um homem ele o faria se a tua voz o dissesse – se teus olhos lho pedissem, se teus lábios lhe sorrissem!

NAMRY

Eu te esperava, Paikel.

PAIKEL

E eu, Namry! Eu aqui vinha a teus pés verificar tamanha dita, porque acabo de conhecer que realmente me amas – que não podes estar sem mim, como eu não posso estar sem ti. – E como no outro tempo – em que te ouvia dizer-me de contínuo: vem – como agora, Namry – eu vinha cheio de prazer e de contentamento – para te ver, como agora – para como agora te dizer: eu te amo, Namry.

NAMRY

Paikel, não é verdade que a mentira deslustra a honra de cavaleiro?

PAIKEL

Namry – o homem que mente é um mau cristão – o cavaleiro que mente é indigno de calçar esporas de ouro – e de lidar em justas e torneios com o seu nome de guerra. – Pela fé de um cristão e pela honra de um cavaleiro – Namry – eu te amo.

NAMRY

Não te recordas, Paikel, de ter dado a tua palavra a outra – de lhe teres empenhado a tua honra – como ora acabas de fazer por meu respeito?

PAIKEL

Negar-to fora mentir: – Namry – não há um homem da minha idade que derramando um olhar sobre o passado não encontre nele um remorso para a sua consciência. – Isso que dizes – Namry – eu o fiz – e talvez mais do que uma vez. – Mas – um cavaleiro que mal fez concede reparação leal e franca, a quem quer que lha peça. Eu sou cavaleiro, e que o não fosse, Namry – ser-me-ia penoso ter a consciência de não merecer o teu amor. – Alto soa o meu nome. – Quem se der por ofendido que venha ter comigo – e certo que voltará contente e satisfeito. – Tenho

mais honra que dinheiro – mas o sangue e fazendas de Paikel, serão de sobra para o mais sedento e ambicioso.

NAMRY

E quando forem dívidas que se não pagam nem com dinheiro, nem com o sangue?

PAIKEL

Que Deus se condoa de mim – porque tudo lhe poderia dar – e lhe daria tudo, menos o meu amor que não é meu.

NAMRY

Eu cria que o amor era sujeito ao dever.

PAIKEL

Crês tu – Namry!

NAMRY

Creio que o cavaleiro que é o mais forte deve dar exemplo à mulher que é mais fraca.

PAIKEL

E porque nos vês envergar couraça e saia de guerra ou – porque nos vês cobertos de aço e ferro – de aço e ferro, julgas tu que temos os corações?

NAMRY

Julgo-os demasiadamente sensíveis, a serem como o teu. – Mas dize? Quando uma mulher pode fazer calar o seu amor por que não poderá um cavaleiro acabar com ele?

PAIKEL

Porque ele se esquece de tudo para pensar nela e ela se lembra de tudo para o esquecer a ele.

NAMRY

Paikel, como se apelida entre vós outros um cavaleiro que falta à sua palavra?

PAIKEL

Um felão.

NAMRY

E tu queres ser um cavaleiro felão?

PAIKEL

Serei. (*Gesto de desprezo de Namry*) Serei, Namry, só por teu respeito. – Ainda quando o arauto me negasse a entrada na liça dos combates por esta ação – quando todos me repreendessem, não o deverias tu fazer, Namry – porque é por ti que eu o faço.

Mas não será eterna a exprobração – quando eu mostrar um dia o que era o meu amor de hoje – o meu amor de sempre: – meus pares dirão cheios de assombro – só o amor de Paikel podia vencer a sua honra.

NAMRY

Já que te esqueces de tudo para só te lembrares de mim – quero corresponder-te por igual modo.

Também me esquecerei de mim para só pensar em ti. – Tratemos da tua honra, Paikel.

PAIKEL

E desde quando te importas com ela?

NAMRY

Desde que dela te esqueceste. – Há uma mulher a quem chamo minha amiga – Paikel – bem sabes quanto perdeu por teu respeito – bem sabes – porque a conheces há mais tempo do que eu; – e porque ela mesma to disse antes que mo dissesse a mim.

É a primeira coisa que te peço – Paikel – repara o mal que fizeste, e eu serei contente de mim mesma por ver que amava um homem que merecia ser amado.

PAIKEL
Não posso.

NAMRY
E por quê?

PAIKEL
Porque a sua família não é nobre.

NAMRY
Devias ver isso quando a desonraste.

PAIKEL
Mas estas alianças sabes, bem o sabes, têm pouco uso entre nós.

NAMRY
Também entre vós outros é de pouco uso deixar penhorada a sua palavra.

PAIKEL
Bem o sei. – Mas eu não amo a essa mulher. Inda há pouco me veio ela injuriar face a face – chamou-me nomes de desprezo e de injúria, que eu me envergonharia de os repetir. Tivesse ela um parente que cingisse uma espada – e a esta hora ela não teria este parente. Não fosse vilania assassiná-la – a esta hora não terias mais amiga.

NAMRY
Ela te defendeu em minha presença como eu talvez o não fizesse agora – eram palavras de ciúme que não mancham porque são filhas do amor.

PAIKEL

A vingança de que um para o outro éramos capazes, nós a temos praticado. – Insulto por insulto: somos pagos.

NAMRY

Estás pago – e ela punida – muito bem, Paikel. – Já não restam lembranças de recíprocos insultos – nada mais terás que objetar.

PAIKEL

Nem ela que me pedir.

NAMRY

Deixemo-nos de razões, Paikel – por esse modo não posso lutar contigo. Por que me não fazes tu o que eu te peço?

PAIKEL

Porque eu te amo! Namry – porque te amo de todo o meu coração.

NAMRY

Oh! – Mas seria eu verdadeiramente pobre – roubar à fortuna da minha criada – pensas em tal, Paikel.

PAIKEL

Da tua criada?

NAMRY

Da minha amiga – como também tu ao teu amigo. Já bastante erramos – é preciso que ao menos uma vez na vida andemos por caminho seguro e plano. Temos hoje mais que fazer do que o papel de amantes. – Tu és o cavaleiro Paikel – que tens um brasão ilustre, um dragão lavrado em sinople que despedaça uma serpente. – Tens por divisa o valor pela virtude. Eu sou a Duquesa de Mecklembourg. – Lembremo-nos do que somos, e façamos o que devemos.

PAIKEL

Pede-me tudo quanto quiseres – Namry – tudo, e eu farei tudo – mas não me peças que te deixe de amar porque de certo o não pudera fazer. Eu daria quanto tenho de mais precioso a quem me reduzisse o meu amor à têmpera do teu – é um amor brando e fácil que se turva como a mais pequena nuvem, que mostra mil aspectos, como as asas da borboleta adejando ao sol.

NAMRY

Não mo queres fazer?

PAIKEL

Não posso.

NAMRY

Paikel – meu pai dizia que um nobre que se debruça sobre uma mesa para ter um livro ou pergaminho – era da nação efeminada dos franceses, que hoje não conta um cavaleiro: que um cavaleiro que se compraz em rabiscar papel, em vez de manejar a espada, descaía da sua nobreza – que um cavaleiro que consome dias e noites em busca de ouro, tinha o gênio de um vilão.

PAIKEL

Teu pai nasceu 200 anos depois de que deveria ter vivido.

NAMRY – Meu pai era um Duque honrado e nobre – se ele te dissesse – farei isto; podias dormir descansado como debaixo da folha da sua espada, porque ele cumpriria a sua promessa sem que fosse mister lembrar-lha.

PAIKEL

Tu me enganaste, Namry – quando me disseste que me amavas.

NAMRY

Era eu que me enganava a mim própria. Deves confessar que não posso satisfazer a tudo quanto por mim tens feito.

PAIKEL

Talvez.

NAMRY

Talvez!! Bem – será mais uma dívida, Paikel – que eu te não poderei pagar. Salva a honra de Bertha – eu me esquecerei de tudo.

PAIKEL (*a rir-se*)

Esquecer-te-ás de tudo? Como és generosa...

NAMRY

E mais do que mereceis, Senhor, sois um infame.

PAIKEL

Namry!

NAMRY

Agradeço-vos amor tão alto. Porém tenho orgulho sobejo para me contentar com os restos de outra, e não deixei de ser nobre para me casar com um assassino. Destes a vossa palavra a vossa amante, de que ela seria a vossa esposa – e ela, porque fiou de vós, serve hoje para ganhar a vida. Destes vossa palavra ao vosso amigo – e porque ele acreditou na vossa palavra, vai ser assassinado.

PAIKEL

Patkull? Falas de Patkull?

NAMRY

Ide a Romgstads e lá o vereis subir ao cadafalso que para ele mandastes aparelhar.

PAIKEL

Eu o salvarei, Namry, eu parto já, sem demora.

NAMRY

Fazeis bem, Senhor – porque se ele entrar uma vez nesta casa, não lhe seria gostoso o encontrar-vos nela; e quando ele não viesse – não me seria vossa presença muito para desejar.

PAIKEL (*saindo*)

Fleming!! Fleming!! Tu mo pagarás, Fleming!

NAMRY

Hipócrita.

QUADRO II

Uma sala de palácio em Dresde, uma mesa e cadeiras.

CENA I

O rei Augusto e Fleming.

AUGUSTO

O que há de novo, Fleming?

FLEMING

Saberá Vossa Majestade...

AUGUSTO

Já não sou Majestade.

FLEMING

Saberá Vossa Alteza que é chegado o correio que foi de vossa parte dar a Estanislau os parabéns da sua elevação ao vosso trono da Polônia.

AUGUSTO

Maldito seja ele... Que mais.

FLEMING

O correio de Carlos XII espera a vossa decisão quanto aos artigos que deveis assinar para o tratado de paz.

AUGUSTO

Lê-os – Fleming – lê-os de novo que me quero fartar de minha vergonha – lê-os.

FLEMING (*lendo*)

Darei paz a Augusto – rei que foi da Polônia – debaixo das condições seguintes, que serão cumpridas à risca sem alteração alguma: 1º – o Rei Augusto renunciará ao trono da Polônia – reconhecerá Estanislau por seu legítimo rei – e prometerá jamais pretender elevar-se ao trono, mesmo depois da morte de Estanislau. 2º – renunciará a toda aliança com nações estrangeiras – principalmente com a Rússia; 3º – mandará para o meu campo os príncipes Sobieski – com uma guarda de honra e todos os prisioneiros que me houver feito; 4º – o último. Entregar-me-á todos os desertores que passaram do meu serviço – e expressamente João Reginoh, Patkull – e dará anistia a todos que passaram do seu para o meu serviço.

AUGUSTO

Só?

FLEMING

Nada mais se contém neste rascunho que nos mandou o conde Piper.

AUGUSTO

Aceito. – O Rei Carlos é um rei magnânimo e generoso... Porque me não mandou ir ele à sua presença descalço com as insígnias reais, com uma corda nos rins, e o *knout* nas mãos. Por Deus que eu lhe iria beijar os pés para envilecer e abaixar esta maldita Polônia, já tão vil e tão baixa – Polônia! – Povo de escravos orgulhosos – povo de cobardes – povo lançado no meio da Europa para ser vendido ao que mais dá e que mais promete – Polônia! – Folga e ri satisfeita na tua prostituição – enche o céu

com fogos de vista e gritos de alegria – ilumina teus palácios e habitações de escravos – alegra-te, que em breve gemerás aflita sob o azorrague da infâmia.

FLEMING

Rei Augusto!

AUGUSTO

Não me fales, Fleming – não – não me fales – ou dá que eu veja esta Polônia ardendo em fogo, como Sodoma ou Gomorra – Carlos XII! Quem me dera ter vida para te ver um dia miserável e mendigo, roído de ambições e de remorsos! – Não – não serás o único conquistador que avistarás o destino dos teus. – Por que não lutei até esse tempo?

FLEMING

Perderíeis vosso ducado como perdestes a Polônia.

AUGUSTO

E que me importa a mim um ducado, ou a Polônia? (*Entra um soldado*).

O SOLDADO

O Príncipe de Mensicoff deseja falar a Vossa Majestade.

AUGUSTO

Não lhe posso falar.

O SOLDADO

Vem para vos falar a respeito de Patkull.

AUGUSTO

Não ouviste? (*Pausa por algum tempo*) Fleming, que é feito de Patkull?

FLEMING

Foi conduzido de Keenigstadt para Casimir, e deve ser entregue aos soldados de Carlos XII, segundo a convenção.

AUGUSTO

O César quis saber o que eu fiz do seu plenipotenciário – e tem razão – que lhe hei de eu dizer? Ele era o meu único aliado, o único verdadeiro amigo.

FLEMING

Mas ganhastes a vossa Saxônia.

AUGUSTO

Mas perdi a honra, Fleming. – Se eu tivesse ainda em meu poder esse homem, a quem agradeço tão mal – oh! Não sei de certo se o entregaria ainda quando me rendesse o cêntuplo, do que ora me rende.

FLEMING

E fareis mal.

AUGUSTO

És um bom político, Fleming – porém tens uma alma bem pequena. – Tens ocasião de te vingar de um inimigo e pouco te importa que ele seja desgraçado. – Eu estimaria mais que o defendesses.

FLEMING

Nem que ele fosse meu irmão – pediria eu por ele quando se trata dos interesses de Vossa Majestade.

AUGUSTO

Escusas lisonjas – vês que sou um rei sem trono ou Majestade; um poder sem alçada.

FLEMING

Não é lisonja, Senhor – quando vos digo que a rebelião é um crime – e que um rei nunca deve proteger um rebelde. – Um

duque espanhol jurou ao seu rei que faria queimar seu palácio se o Duque de Bombonde se demorasse nele por espaço de uma hora, porque o Duque se tinha rebelado contra o seu rei – Francisco I. – E o rei louvou a nobreza do vassalo. – Ora, Patkull é um rebelde – era um dever real puni-lo – vós o fizestes, senhor. E nem vos fica menos airoso que a sua morte vos renda um ducado – que já era vosso, e para mim, o chamais uma vingança, que nunca tencionei tomar.

AUGUSTO

Seja como dizes. (*Faz-lhe sinal com a mão que saia. Ouvem-se passos*) Já devem ser seis horas; para que me pediu uma audiência a Duquesa de Meklembourg? – Que me pretenderá!! – Veremos. – Algum capricho de Senhora?! Que importa?! – Não negarei um favor ao descer do trono à filha de quem era meu amigo, antes que alguém sonhasse que Augusto seria rei um dia. Um dia!... O que é um dia? – Às vezes se passam eles serenos e mansos sem que nem ao menos a sombra de um acontecimento escureça alguma parte dele. – Outras vezes a vida pende do resultado de um dia, e a alma tem a vista pregada no que vai acontecer que lhe trará ventura ou desventura. – É um lago tranquilo e manso, representando o azul do céu e das nuvens. São ondas negras e revoltas que se embatem, que se cruzam, que se repelem mal ditas da esperança. – E a vida aí está como no aspecto fagueiro ou terrível da superfície do lago. – Somente a alma guarda mais constantemente para todo o resto da sua existência neste mundo o que por ela passou uma vez. – O pesar dura eterno como o seixo lançado na corrente. – E o prazer também lá permanece, e por vezes se nos acorda feiticeiro e saudoso – como a imagem da donzela que uma vez topamos para mais não voltar.

CENA II

Batem. – Ele para como despertado de seus pensamentos – e de repente vai à porta – abre e entra Namry Romhor.

NAMRY

Senhor!

AUGUSTO

Que pretendeis, Senhora?

NAMRY

Falar ao rei Augusto.

AUGUSTO

Sou eu.

NAMRY

Vós? (*Como consigo*) Parecia-me que a presença de um rei deveria de ser terrível e majestosa.

AUGUSTO

Nada disso – nem majestosa nem terrível – porém benevolente quando a vida de um rei se fita num perfil gracioso e belo de formosura como a vossa.

NAMRY

Não mereço que sejais homem para vos abaixar até mim.

AUGUSTO

Também nós somos homens: – também! Com diferença de que o coração de um rei parece ter mais força para a dor e maior espaço para conter lágrimas que se não podem deslizar impunes pelas faces do monarca – mas eu já não sou monarca – não, já o não sou! Podeis falar sem receios. – O Rei Augusto morreu – mas ainda vive o amigo de vosso pai, Senhora Duquesa.

NAMRY

Não contava com mais esse título para me apresentar diante de vós, Rei Augusto. – É um bom agouro da minha boa fortuna. – Recordei-me de que meu pai vos chamava justo e bom – e eu

vim ter convosco fiada na justiça e na bondade que meu pai tanto exaltava.

AUGUSTO

Não praza a Deus que eu desminta conceito para mim tão lisonjeiro – podeis falar, Senhora Duquesa.

NAMRY

Meu Deus! Não sei por que me acanho tanto para vos pedir o que tenho de vos pedir.

AUGUSTO

Quereis muito. (*A sorrir-se*)

NAMRY

Muito! Muito!

AUGUSTO

Oh! Tanto melhor – certo que eu não quisera tão somente conceder à filha do meu velho amigo o que outro qualquer também pudesse. – Já não sou rei, Senhora Duquesa, mas ainda me não esqueci de o ser.

NAMRY

Confio nisso, – e é por isso que vos venho pedir a liberdade de Patkull.

AUGUSTO

Patkull? Patkull! Que vos importa esse homem?

NAMRY

Peço-vos uma graça, Senhor.

AUGUSTO

Patkull! Vejamos, Senhora Duquesa. — Eu vos quisera servir – pedi-me qualquer coisa possível, e eu vo-la farei. – A minha Saxônia é bastante vasta – escolhei uma cidade – uma vila – um

castelo e eu vo-lo darei. – Vede de Leipzig de Blauzou – de Zillan a Plauen – escolhei o que quiserdes, – Vistes vós Altenbourg molemente deitada à margem do seu rio como uma otomana voluptuosa? Gera – a cidade do comércio e da riqueza. – Leipzig – a cidade das artes e das ciências – e Plauen – campeando no cimo de uma rocha como um guerreiro noturno que vigia firmado na sua espada. – Plauen austera e forte como um castelo esquecido do perpassar dos anos, vigiando a Áustria, sombrio e grave – tudo – tudo o que vos aprouver não vos ireis queixosa do rei Augusto que foi amigo de vosso pai.

NAMRY

Não, Senhor – pela melhor das vossas cidades não vos viera eu importunar – venho pedir-vos a vida de um homem que não mereceu perdê-la.

AUGUSTO

Quem vos disse que ele o não tinha merecido?

NAMRY

Era vosso, todo vosso – de alma e coração – ele vos aconselhou como amigo – e vos serviu como escravo.

AUGUSTO

Era um rebelde!

NAMRY

Não a vós que só podeis puni-lo por vos haver bem servido. – Perdoai se vos falo assim. – Durante o caminho tão breve da minha vida não pude ainda aprender como se fala aos reis – peço-vos a vida desse homem – que meu pai me deu por esposo – meu pai era amigo de vós ambos. Certo que se o pobre velho ainda existisse, ele se curvaria diante de vós, Senhor – para que lhe désseis a vida do esposo de sua filha – e o rei Augusto não seria surdo às vozes do infortúnio. – Senhor, é a vida do meu esposo que vos peço, que vos peço de joelhos – que vos peço

pelo que há de mais santo, pelo que tendes mais precioso e mais caro.

AUGUSTO

Levantai-vos, Senhora – bem me custa ver-vos assim a chorar sem poder enxugar vossas lágrimas!

NAMRY

Por que o não podeis, Senhor – é vossa a prisão – é vosso o carcereiro – os soldados que o guardam são vossos; os ferros que o prendem são vossos. – Uma palavra só, e ele será livre e feliz – e eu agradecida e contente, e vós satisfeito com a ventura que fazeis nascer. – Como é belo ser rei para fazer o bem, livre e grandemente – para ter palavras que dão vida e alegria. Meu Deus, como poderia eu resistir a quem me pedisse a vida de uma criatura?

AUGUSTO

Pedi outra coisa, Senhora Duquesa.

NAMRY

Nada mais, Senhor, nada mais que a vida do meu esposo e sereis para mim como um Deus. – Que mal vos pode ele fazer? Ele que vos amava tanto. – Que mal vos pode fazer – ver-nos alegres e felizes – quando vos devermos alegria e felicidade?

AUGUSTO

Não alcançareis nada, Senhora Duquesa: – quanto vos podia dar, eu vo-lo ofereci – nada mais tenho que vos sirva.

NAMRY

Senhor, como vos hei de eu falar para vos mostrar que me podeis fazer o que vos peço, que mo deveis fazer – Senhor. – Senhor, não vos incomoda acaso ver em roda de vosso trono um rio de sangue? – Vós me pareceis tão bom, rei Augusto. Podereis acaso pensar tranquilamente de que às tantas um

homem será de menos – e isto porque vós o quisestes – porque vós mandastes – Senhor? – Tende piedade de mim!

AUGUSTO

Ele tem de ser entregue a Carlos XII.

NAMRY

Por Deus, Senhor – por Deus – não façais tal – sabeis vós que é um verdadeiro assassinato – que ele o mataria sem compaixão nem piedade – esse homem de sangue e de carnagem – vós o não fareis, rei Augusto – Carlos XII também é vosso inimigo cruel, que vos tem perseguido e ultrajado vergonhosamente. – Quereis condescender com ele, rei Augusto – quereis dar-lhe o vosso amigo em recompensa de vos haver roubado a vossa Polônia. – Vós o não fareis. – E depois não podeis sem desonra tocar na cabeça de um embaixador. Tencionais fazê-lo, Rei Augusto.

AUGUSTO

Já vos disse que ele era um rebelde.

NAMRY

Rei Augusto, o que ides fazer era demais para desonrar um homem. – É uma coisa verdadeiramente baixa – um rei ser constrangido por outro rei como um escravo – dois reis que se ligam para perder um homem. – Não é isto uma coisa vil e infame?!

AUGUSTO

Duquesa, não faleis de razões que mal podeis compreender.

NAMRY

Nada mais vos direi. (*Indo para sair*)

AUGUSTO

Vejam, Duquesa, ainda uma vez, pedi-me uma coisa qualquer que seja e eu vo-la farei – não, eu não quisera vos fôsseis descontente comigo.

NAMRY

Deus guarde a Vossa Majestade. (*Sai*)

CENA III

AUGUSTO (*depois de um momento de silêncio*)

Acaso um dia se levantará a voz da posteridade para dizer que o rei Augusto foi um traidor e um cobarde – traidor! e cobarde! Fleming?

FLEMING

Senhor!

AUGUSTO

Quero que Patkull viva.

FLEMING

Mandai pedir a sua graça a Carlos XII.

AUGUSTO

São 6 horas. – Às 9 um correio pode estar em Keenigstadt – e Patkull será livre.

FLEMING

Às 8 horas já deverá estar em poder de Carlos XII.

AUGUSTO

É já tarde. (*Caindo numa cadeira*)

ATO IV

PERSONAGENS:

PATKULL

SALTZ

WOLF

PAIKEL

*Um cárcere escuro com uma grade de ferro – uma mesa antiga e velha
– uma cadeira.*

CENA I

PATKULL

Como é triste uma prisão – como este silêncio é cheio de pavor e de tristeza. – Aqui estou – eu, só eu, sepultado – eu, sem vida quando carecia tanto de alguém que me falasse, de alguém que eu escutasse a cada instante – de alguém que me enchesse o coração de sossego e de harmonias. – Nada, nada sinto em torno de mim mais do que o silêncio, como o de um cemitério, que me gela o sangue nas veias – que me enoitece a fantasia – só por vezes o coração me arqueja e pula – como que acordasse – ainda em vida – ao derradeiro som da pedra que lhe esmaga a vida. – Meu Deus! – Morrer assim seria passar a eternidade transido e desesperado. – Morrer! Por que tantas vezes penso nisto? – Não tenho eu tão vivo o sentir que bastaria para viver mil anos? – Como é possível morrer com tanto amor. E no entanto foi o meu primeiro pensamento quando me vi preso – meu primeiro pensamento quando passei o umbral desta porta. – O último quando só me deixaram – quando se fechou aquela porta – quando o som de passos se foi sumindo longe – mais longe – por entre as abóbadas dos corredores – mais longe como uma quimera. – Morrer – (*Andando – para – cruza os braços no coração*) Morrer agora! – Vamos, que me aproveita sonhar torturas e tormentos? Muitas vezes fatigado de alma e corpo sucumbi ao cansaço e dormi. – Negras imagens esvoaçaram por

minha alma perseguida por uma ideia – meu coração gemia amargurado sob terrível pesadelo, e as bagas de suor corriam por todo o corpo. – Despertava enfim. Eu via a lua que enfeitava o azul dos céus de Itália, a terra bela e perfumada – e o mar que vinha preguiçoso beijar os pés de Nápoles. – O Vesúvio além cuspidor o fumo como sombrio penacho de guerreiro – porque não haverá também – quando os olhos vigiam – desses pesadelos do espírito, horríveis em sonho – mas fagueiros – mas belos na realidade. – Oh! Quem me dera respirar o ar fresco e puro que agora lá por fora adeja e sussurra na folhagem. (*Chegando-se à janela*) Quantas vezes não vi eu a lua branquear este céu – vinha então espalhar neste silêncio da noite tão amigo – o muito que eu sentia. – Era a noite tão bela como agora – talvez menos – porém não tinha diante de mim estas grades de ferro, que me ofendem a vista. – Namry – meu amor – minha alma – meu anjo tão puro e tão belo, se na terra existem anjos – quem me dera ver-te como sempre – formosa e pensativa – como um anjo na terra se lembra de melhor pátria. Namry – Oh! Pudesse eu quebrar estes ferros – e ir daqui lançar-me nos teus braços – Namry – pudesse eu ver-te uma vez sequer, uma vez nesta vida e na outra a eternidade. – Vem, Namry – vem – eu serei calado e mudo bebendo a vida dos teus lábios – bebendo o amor dos teus olhos. – Vem, cantar-me-ás essa cantiga tão singela que tanto me aprazia ouvir-te. – Essa toada dos campos de amor e de ternura da mulher tão extremosa – longe de quem ama. – Oh! Quantas vezes a terás soluçado involuntariamente – desde que eu te deixei de ver – e eu dera a vida para ouvi-la – dera tudo menos o meu amor! (*Fica mudo e pensativo. – Entra Saltz*)

CENA II

O mesmo e Saltz.

SALTZ

Como ides, Senhor?

PATKULL

Bem, Saltz – muito bem – melhor do que eu esperava passar numa prisão.

SALTZ

Certo – bom senhor – que não estareis aqui tão bem como no vosso palácio de Livônia – sempre é uma prisão – uma coisa bem feia e bem lúgubre, que até me entristece a mim que não sou nem preso nem condenado. – Não posso dar um passo sem surpreender lágrimas que vacilam nas pálpebras – ou insano desespero de quem nada espera. Nos corredores por onde passo através das muralhas dos cárceres transundam suspiros e agonias – vozes que se lamentam – que se enfurecem –, ou que choram truncadas e sem força – que é dor do coração ouvi-las tão sentidas. – Quando me deito, choro por esta pobre gente com quem tenho dever de parecer rigoroso – e quando acordo sinto o rojar de grilhões do que vela toda a noite nas trevas e suspiros.

PATKULL

Bom Saltz.

SALTZ

Bom – Senhor – bom – mais do que devo e menos do que uso exige a consciência. – Eu vim para este inferno com a alma pura – sem remorsos, sem pesares. Alegre e satisfeito dormia e acordava feliz, porque vivia, porque sentia a vida – e hoje – bem vedes que vos entristeço em vez de vos consolar, como eu tanto desejara – porque me parece que é mau quem se emprega neste ofício – e tenho pesar de tanta vida que se perde – de tanta alma arrancada do corpo com violência.

PATKULL

Teu emprego é triste, Saltz.

SALTZ

E quando às vezes tomamos a um preso – porque o conhecemos generoso e bom – quando o amamos como se fora um parente – uma parte da nossa alma – e sabemos que há de morrer – que tem de morrer às mãos do carrasco em dois dias – em duas horas e não ter forças para o salvar, quando daríamos a vida por ele?! – É triste, bom senhor – é triste para quem pensa – para quem sente: – para o que morre – algumas horas – e para o que vive, a vida inteira!

PATKULL

Tens razão, Salta – Talvez que eu te poupe esse dissabor – que tanto te penaliza.

SALTZ

E quem pode contar com a vida?

PATKULL

O coração, Saltz – há esperanças que não mentem, há ilusões que são esperanças. Há convicções de que não podemos separar de uma criatura mau grado a violência – Tenho essa esperança – essa convicção profunda. Deixá-la? – Não vês tu que é impossível.

SALTZ

E o que há impossível para Deus, Senhor?

PATKULL

A injustiça – a crueldade, a falta de misericórdia – tudo o que obsta ao amor e à fé – tudo, porque Deus é o amor – é a vida, Saltz – é a esperança.

SALTZ

Que Deus vos ouça – que lho peço de todo o coração porque vós sois bom, Senhor. – Careceis de alguma coisa.

PATKULL

Não, Saltz, deixa-me só.

SALTZ

E se alguém vos quisesse falar?

PATKULL

Quem se lembra... Wolf!

CENA III

Wolf corre para ele – vai para lhe beijar a mão – Ele o impede e o abraça.

PATKULL

Wof, já me esquecia de ti, bom pajem – bem hajas tu que tão gostosamente me vieste surpreender?

WOLF

Não tanto como pensais – meu bom amo.

PATKULL (*encarando-o*)

Pois não vieste só para ver teu pobre amo – que gemia aqui – sozinho... – Tirante uma pessoa, Wolf, eras a quem mais desejava ver – Não me trazes novas de alguém?...

WOLF

Tristes novas, Senhor.

PATKULL

De quem, Wolf?

WOLF

Da duquesa.

PATKULL

Morreu a Duquesa?

WOLF

Vive.

PATKULL

Está doente? Fala, Wolf – está doente, talvez próxima a morrer?
Por que mo não disseste mais cedo – que já agora estaríamos em caminho.

WOLF

Está boa.

PATKULL

Oh! Podes então falar, meu amigo.

WOLF

Meu tio!

PATKULL

Deixa-nos por um pouco, Saltz.

SALTZ

Não quereis ficar só?

PATKULL

Não, Saltz – não – quero primeiro ouvir teu sobrinho – e quando voltares, por ventura que me encontrarás mais venturoso do que o condenado a quem anuncias salvação.

SALTZ

Deus o queira.

PATKULL

Pobre velho – que já não vê na vida um raio de esperança. –
(*Pensa*) Que me dizes tu, Wolf?

WOLF

Meu bom amo. (*Lançando-se nos braços dele*)

PATKULL
Que tens tu?

WOLF
Nada, Senhor, nada.

PATKULL
Por que chora, pajem!

WOLF
Eu não quisera mortifica-vos, Senhor.

PATKULL
Dize – Wolf – por que assim choras – o que te aconteceu, não
vês que esse teu silêncio me aflige?

WOLF
Por que me deixastes vós naquela casa, Senhor, quando eu vos
pedia que me trouxésseis convosco?

PATKULL
Quê? Fizeram-te mal?

WOLF
Senhor – não, mas não veria eu tanta traição.

PATKULL
Contra quem, Wolf?

WOLF
Contra vós, Senhor – contra vós mesmo.

PATKULL
Vamos, Wolf, endoideceste depois que me soubeste preso.

WOLF
Contra vós, e era vosso amigo!

PATKULL

Paikel!

WOLF

E a vossa noiva.

PATKULL

Namry! – Por que me exalto! Um delírio de criança.

WOLF

Foi Bertha quem mo disse.

PATKULL

Mentiu, Wolf!

WOLF

E eu que o vi?

PATKULL

Viste! Que viste tu! Por que me apareces aqui? – Quem te chamou, Wolf? Infame! Sabes tu que eu, preso como estou, posso fazer saltar sobre estas paredes teu sangue e cérebro? Que eu te poderia estalar a vida, calçando aos pés teu corpo? Tanta mentira em tanta juventude!...

WOLF

Eu vi. (*Chorando*) E disseram-me que Paikel vos mandara aqui para o cadafalso.

PATKULL

– Paikel – oh! Sim, foi ele quem instou comigo para que aceitasse este maldito emprego: foi ele quem mendigou por mim esta maldita embaixada – foi ele... (*Para de repente encara seriamente Wolf – vai sério para Wolf – pega-lhe nas mãos*) Wolf – um malvado pode se aproveitar da tua inocência e fazer-te perpetrar um crime – uma violência. – Podem ainda iludir-te

com esperanças de riquezas – de palácios – de jogos – de prazer que fariam cair um anjo – Wolf – dar-te-ei riquezas como nunca pudeste imaginar – riquezas com que podes comprar prazer e venturas – riquezas que te assegurem um futuro real e brilhante. – Mas afirma que isso que disseste é uma mentira – uma calúnia que algum te sugeriu. – Dize Wolf! – Bem sabes que sou teu amigo! Por que me querias tu enganar?

WOLF

Disse a verdade.

PATKULL (*com violência – apertando-lhe os braços com força*)

Disseste uma mentira.

WOLF

Ai! Que me matais.

PATKULL (*atirando-o para longe*)

Criança – Oh! Que não sejas um homem! – Maldito sejas tu – mataste-me a fé – e o coração – mataste-me o que eu tinha de mais sagrado e inestimável – ingrato que assim pagas quanto hei feito por ti – vai-te – vai-te – e nem mais eu te veja – mensageiro do inferno. (*Wolf sai. Ele cai sobre uma cadeira. Põe as mãos nos olhos fica mudo*) Namry – eu te amava tanto – Paikel. (*Levantando-se e gritando furiosamente*) Paikel – Oh! Não ter um instante só de liberdade – um momento – um nada!! – Infame. (*Rindo*) Que mal fiz a esta gente para que assim me martirizem – eu os amava tanto!! Meu coração era dela – meu sangue era dele – de ambos eles minha vida! Que mal lhes pude fazer? (*Pensa*) Wolf era um bom pajem – naquela idade não se fingem lágrimas – e a mentira não roça os lábios da inocência. – Bertha tinha ciúmes. – O ciúme vê muito, vê longe. – certo! Por que deixou Paikel seu negro laboratório – por quê? – Quando o demônio deixa as trevas não é para vir no jardim do paraíso aliciar a criatura inocente? Não me disse ele que já se conheciam! – E por que me pediu ele um lugar secreto para a conferência senão porque sabia que seria em casa dela? Que

empenho tinha de me ver segunda vez envolvido num vórtice de guerras e de interesses, senão para se ver só com ela! (*Ouve-se o rangir de uma fechadura que se abre. – Patkull senta-se e vira as costas para a outra porta*)

CENA IV

Entra Paikel em trajes de criado do cárcere com um cesto.

PAIKEL

Aqui tendes comida.

PATKULL

Está bom.

PAIKEL

Quereis alguma coisa?

PATKULL

Não; podes-te ir.

PAIKEL

Como sois triste!

PATKULL

Está bem!! Está bem!! Podes-te ir.

PAIKEL

Não vos lembra de alguém?

PATKULL (*estremece – olha repentinamente para ele*)

Oh! Lembrava-me de ti.

PAIKEL

E não me esperavas?

PATKULL

Sim, eu te esperava...

PAIKEL (*chegando-se para ele – e estendendo-lhe a mão – Patkull recua*)

Bem me custou chegar a ti; – e quase a tua e a minha esperança seriam baldadas.

PATKULL

Mas eu te esperava.

PAIKEL

E tinhas razão, esperavas um amigo.

PATKULL

Não, mas a ti – Paikel – A vítima que morre tem dores que regozijam o coração do sacrificador – o coração tem tormentos que são como delicioso manjar de vingança – e olhos de homem que vertem lágrimas têm mágico atrativo para o homem que as faz verter. – Perder ocasião de espreitar dores lágrimas e tormentos – Oh! Era supor-te bem pouco esquisito de gosto – tu vieste – eu te esperava.

PAIKEL

Vim para te salvar.

PATKULL

Oh! Melhor – melhor – ainda. – Quem morre – morre uma vez – já se não sente – era pouco. – Era mais horrível ter vida – sentir a morte a cada hora, a cada instante – a cada instante dores piores que a morte – que desesperam, que enlouquecem. – É mais deleitável! Mais belo! Tens razão de me queres salvar – Paikel.

PAIKEL

Não te posso entender! Patkull. – Depois falarás à tua vontade – dir-me-ás o que quiseses – o que te aprover dizer – mas hei de

primeiro salvar-te – porque eu dei a minha palavra que voltarias são e salvo.

PATKULL

És um homem de palavra, Paikel!

PAIKEL

Salvar-te-ei, Patkull. – Algumas horas mais e será noite. – Brevemente os soldados de Carlos XII tomarão conta deste castelo.

PATKULL

Bem o sei.

PAIKEL

No meio desta mudança poderás passar despercebido – levarás esta farda de lacaio, que me pôde conduzir até aqui – e que de certo te porá fora, incólume e salvo.

PATKULL

E irei ter com Namry, não é assim, Paikel.

PAIKEL

Irás onde quiseres, Patkull.

PATKULL

Dir-lhe-ei. “Paikel é um amigo nobre e honrado: conduziu-me à borda do meu precipício, atirou-me nele e depois como lhe sobreviesse um resto de compaixão, estendeu a mão a quem já não tinha esperanças de vida – e que endoideceria de as ter”.

PAIKEL

Dir-lhe-ás de mim o que quiseres, depois de te haver salvado – Patkull.

PATKULL

E concluirei, dizendo: vosso amante é um homem grande e generoso. – Podeis ser orgulhosa de ter um amante assim.

PAIKEL

E quem te disse que eu a amava?

PATKULL

Por que me aferrolhastes numa prisão? Por que me mandastes talvez me aparelhar um cadafalso?

PAIKEL

Patkull, quando instei contigo para que aceitasses este maldito emprego – por minha alma que não havia uma sombra de risco ou de perigo. – Eu dei-te a minha palavra, e serás salvo.

PATKULL

Obrigado.

PAIKEL

Não há tempo para nos mostrarmos arrenegados. – Patkull, dentro de algumas horas já a tua evasão será impossível. Troquemos trajes – tu serás o moço do carcereiro – e eu serei o preso.

PATKULL

Não – vale mais que eu fique.

PAIKEL

Patkull – salva-te – salva-te, porque o podes fazer por amor de ti, senão por amor de mim – salva-te por Deus. – Oh! Tu não sabes como eternamente me pesaria sobre o coração a lembrança de que fui eu o que a meu amigo matei de morte afrontosa e de tormentos.

PATKULL

Estranha compaixão!! E não sabias tu que eu a amava – Paikel?

PAIKEL

Por Deus – não nos demoraremos com vagares imprudentes
Patkull – fui culpado – fui criminoso – fui vil – fui infame – fui
mau amigo – o que tu quiseres. – Mas salva-te por amor dela –
Patkull – e por amor de mim mesmo. – Não me acreditarias
agora por mais que to eu dissesse. – Mas salva-te – salva-te por
amor dessa nossa amizade tão antiga – tão extrema – tão sincera
– salva-te – Patkull – e um dia terás piedade do teu pobre amigo
que comprou bem caro o extravio de um momento – salva-te.

PATKULL

Por que me não deixas acabar em paz!

PAIKEL

Patkull – por que és tu tão severo? Meu amigo. Oh! Deixa-me
chamar-te por este nome tão suave, que tantas vezes me deu
alívio e prazer! – Meu amigo, se soubesses quanto tenho sofrido
para chegar até tua presença... Dormi ao frio e ao relento sobre a
terra – com a cabeça sobre uma pedra defronte deste castelo – a
pensar no meio de salvar-te – via lá de fora a tua sombra que
me intercortava a luz de espaço a espaço e eu chorava por ti – e
só por ti – meu amigo – Oh! Por Deus te peço – foge e deixa-me
aqui sozinho – deixa-me – mas salva-te.

PATKULL

E eles te matarão!

PAIKEL

Oh! Que me importa a morte? Morrer, Patkull, morrer por ti,
era a ventura derradeira que me seria dado desfrutar sobre a
terra. – Nada tenho, nada me resta – não – nada – nem quem vá
orar sobre minha sepultura – nem que possa sentir escurecida a
vista com lágrimas, vendo pender do infame cadafalso os restos
do infeliz Paikel. – Oh! Dá-me este prazer, Patkull – bem sei que
não to mereço – que nada te posso pedir. – Porém tu podes
ainda contar com o amor, com a glória, com a fortuna.

PATKULL

Crês tu?

PAIKEL

Morra quem já não sente uma esperança, para quem morreu a vida e coração – para quem nada mais sente do que o infortúnio.

PATKULL

Ficarei, Paikel.

PAIKEL

Barbaramente me punes, Patkull – foge – foge, meu amigo – eu to suplico de joelhos, e com lágrimas pelo que mais veneras neste mundo – pelo que tens no outro de esperanças – de amor.

PATKULL

Não – Paikel, – para que viver – estou cansado de lutar, cansado de sofrer – cansado de quanto me sorria. – Deixa-me pois – Levanta-te, Paikel – quem sabe se não há uma força no mundo – que impele os homens para um fim – forçosamente – irresistivelmente – Cumpriu-se o nosso fado. – Não tens culpa, talvez foste instrumento e não causa do que me está preparado – seja como for – bem vês que não te culpo – não te crimino – nada te peço – porém vai-te e sê feliz – se o puderes.

PAIKEL

Então morrerei contigo.

PATKULL

Para quê? – Que importa um nada depois da vida: que morramos sós – ou acompanhados de mil homens?

(Ouvem se estrépitos de soldados)

PAIKEL

Foge, Patkull, enquanto é tempo, fuge. – Daqui a nada seria inútil o arrependimento – serão inúteis queixas, rogos, prantos. – Foge. – Tu amas, Patkull – tu és amado ardentemente – como só tu merecias sê-lo. – Foge ao menos por amor dela – e nem terás que temer um rival que, antes de muito pouco, já não existirá. – Foge por Deus. Já sinto o rumor dos soldados que se aproximam – os soldados de Carlos XII – do teu inimigo, do matador de teu pai – de tua família, que daria sua coroa para te haver às mãos. (*Entra Bertha – coberta de preto – a porta fica aberta e ele continua*) Vive ao menos para tua vingança.

CENA V

Os mesmos e Bertha.

BERTHA (*à parte*)

Bem me compreendem.

PATKULL

Meu pai! (*Continua*) Por muito tempo me tenho esquecido do muito que os vi sofrer – vamos, Paikel, vingarei meu pai que morreu num cadafalso – minha mãe que morreu de miséria num calabouço imundo. (*Agarra na mão de Paikel – com força e vai a voltar-se*) Fugamos.

BERTHA

Ainda não, Senhor!

PATKULL

Meu Deus.

(*Aparecem os soldados à porta. Ela descobre-se e aponta para Paikel*)

BERTHA

Bem vedes que é um traidor, prendei-o!

ATO V

PERSONAGENS:

PATKULL

NAMRY

UM PADRE

SOLDADOS

O mesmo cárcere – e mesmo arranjo de cena.

CENA I

PATKULL

Meu pobre coração?! Eu, mesmo eu, te desconheço – o que viste tão coitado não são lágrimas – é fel é sangue! – Meus amores tão lindos, que são deles?! Que é da amizade tão grande que encerravas?! De tão nobre sentir o que te resta, meu pobre coração?! Eu amava!! Amava o meu amigo, a minha amante – e ele vendeu-me – e ela, meu Deus – e ela?! Era dela meu sangue, meu coração – minha alma – era dela o pensamento – o prazer – a tristeza – tudo – só por ela vivia – só por ela e para ela. – Que lhes fiz eu?! Paikel?! Quê de vezes me chamaste teu amigo – mentias tu então?! Por que me traíste, meu Paikel – por quê? Que se me dessem um reino – e agora mesmo, se me dessem a liberdade – se alguém no mundo me pudesse dar o engano de outros tempos – a ilusão e brilhantismo do primeiro amor... para que te eu traísse – talvez – talvez que o não fizera – e tu?! Mas eu me calarei sobre ti – pobre amigo que te perdeste e me perdeste contigo. Não inquietarei tua sombra, Paikel. Os homens te mandaram para Deus – morreste. – Não, não serei eu que porei na balança da justiça eterna traição tão feia e má. Não serei eu – bem que tudo me roubaste – o amor e a vida – o amor que era o meu paraíso – que era meu tesouro – tesouro de avarento – tesouro inesgotável de venturas que ela enfeitava. – E a vida só para a gastar com ela – só com ela – aos pés dela –

para a ver sempre com um sorriso nos lábios, ou com lágrimas nos olhos – Namry – bela estrela – farol tão meigo de esperanças – belo anjo de luz – também tu me pudeste trair – Namry! A mim que te amava tanto. Oh! Que só por ti me pesa deixar a vida – que serás tu sem mim? Agora que eu já sinto a morte esvoaçando sobre a minha cabeça – não me pesa deixar a vida – mas pesa-me deixar-te a ti que eras meus amores. – Mas por que choro assim? Não – não saberá ela que a chorei no agonizar da vida – não saberá que talvez de mim se rira orgulhosa! Ela a escarnecer-me – a rir-se sobre o meu sepulcro – a insultar-me no cadafalso – no cavalete, quando me ralo com dores! Que mais me poderás tu fazer!! Dir-me-ás talvez que me não amavas. – Demais o sei! Meu Deus! Meu Deus! (*Cai sobre a cadeira*) Por que me esqueci eu de meus pais? Certo que a morte seria então bela, chorada por todo um povo. – E que me importa um povo!! Loucuras que eu afaguei no entrar da vida – quimeras que se me esvaem no entrar da morte. Louco o homem neste mundo que diz na sua consciência: eu salvarei tal povo. Louco o homem que diz: eu tenho um amigo – que é meu sangue – meu corpo. Louco o homem que diz: eu tenho uma amante pura e bela como um anjo – uma mulher que é minha alma – louco porque o povo está embriagado na sua vilania – porque o amigo é falso – porque a mulher é víbora. – Oh! Não ter alguns dias mais para assistir tranquilo ao espetáculo de tanta baixeza – queria me rir do que se julga um libertador – do que conta com a fé do amigo – e com o amor da amante. – E que mais merecemos nós do que desprezo ou riso – crédulos como somos? Não – mais vale morrer. Depois de tantas esperanças só nos resta a morte em última recompensa. – Quem me dera morrer – morrer com dores que me façam esquecer o muito do que eu sofro! Morrer, que talvez debaixo da lousa fria de um sepulcro não pulse o coração.

CENAI

Abre-se a porta. Aparece um padre.

O PADRE

Senhor.

PATKULL

Benvindo sejas, meu padre.

O PADRE

Como ides?!

PATKULL

Mal – muito mal – porém sinto que serei melhor quando me houverdes falado – porque se para outro podiam ser fatais palavras – serão para mim de contentamento.

O PADRE

Presunções do que vive sempre falham, meu filho, as esperanças mentem, quando se não espera a morte.

PATKULL

Eu a espero, meu padre.

O PADRE

Que esperais?

PATKULL

Sim, meu Padre – espero a morte – espero-a breve – desejo-a como se poderia desejar a vida. – E que Deus me perdoe esta esperança se resume um pecado.

O PADRE

Muito me apraz encontrar-vos neste estado – o que sofre encontra a graça do Senhor que só consola àqueles que o mundo não pode consolar. – Porém se não tendes apego à vida, também a não aborreceis, que o aborrecimento é mau conselheiro – como vós, também sofri, também vaguei no mundo às tontas, e em bem que o conheci – são mil caminhos enganosos, orlados de flores – banhados de perfumes – onde

contudo crescem cardos e os espinhos brotam; e a ovelha mansa que se desgarrar do rebanho do Senhor – deixa nos cardos e nos espinhos a maior porção de lã tão alva e fina, e não encontra o pasto que deseja. – Somos todos nós como a ovelha imprudente – e porque não trilhamos a senda da verdade – aborrecemos tudo, bem que de tudo não tenhamos ciência. Que merece a vida – sonho mais ou menos longo – alegre ou triste – é como o fumo que um leve sopro do vento espalha nos ares.

PATKULL

Como falais bem, meu Padre.

O PADRE

Talvez vos pese deixar a vida pelo que deixais com ela! Quem não sente o amor da vida? Quem não sente a amizade? – E o amor e a amizade são ouropéis quando não manam do Senhor. Bem felizes aqueles que morrem enganados! – Talvez amastes – mas o que não sabeis é que a humanidade é frágil, e os afetos, movediços como a grimpa do campanário.

PATKULL

Tendes razão.

O PADRE

De tudo vos deveis esquecer, para que o Senhor seja convosco. – Em breve tereis de aparecer na presença de Deus – segundo o crer dos homens. – Trabalhai pois para que a morte vos não encontre desprevenido – porque lhe não podeis dizer para. – Preparai-vos.

PATKULL

Preparado me achais.

O PADRE

Talvez não tanto como será mister; dir-vos-ei, por que não fraquieis quando carecerdes de toda a vossa coragem – vossa morte tem de ser horrível.

PATKULL

Como quiserem.

O PADRE

Cheia de ignomínia

PATKULL

Seja.

O PADRE

E de tormentos.

PATKULL

Seja também.

O PADRE

Serão vossos escritos queimados.

PATKULL

Já o foram.

O PADRE

Vosso brasão espedaçado pelo carrasco.

PATKULL

O mais nobre talvez que ele terá espedaçado.

O PADRE

Sereis depois rodado.

PATKULL

Que seja breve.

O PADRE

Não! Querem-vos paciente por muito tempo – ainda em vida
tereis a cabeça despedaçada.

PATKULL

Em bem! Que eu já desesperava de morrer.

O PADRE

Sereis depois esquartejados e vossos membros pendurados nos quatro pontos da cidade. – Tal é a sentença de Carlos XII.

PATKULL

Calos XII – Carlos XII. – Oh! Por que me falais nesse homem? Já que tanto me tenho esquecido ao menos me podereis deixar morrer sem ouvir pronunciar o seu nome.

O PADRE

Tal ódio às bordas do sepulcro!!

PATKULL

Meu padre, dissei-me: não é verdade que o filho tem dever de defender a vida do pai?

O PADRE

É um dever recíproco de um para com outro, e do homem para o homem.

PATKULL

Não terá ele direito de vingar sua morte?

O PADRE

Não – que a vingança é do que nega a Providência.

PATKULL

Crede-o vós? Oh! É porque não sabeis como acreditais que ele me perdoará nos céus de o ter esquecido por tanto tempo?

O PADRE

Por que não?

PATKULL

Oh! Sim, por que não? Um pai não se esquece de seu filho – e de mais tenho sofrido para impetrar o seu perdão – sofri muito talvez, porque de tudo me esqueci para me lembrar só da glória e do amor. – Oh! Meu padre, que se a vida é fonte de venturas, não o foi para mim – que só achei tropeços e calamidades. – E hoje, quando me lanço na história do passado – não encontro um quadro feliz em toda a existência – que não tenha o acre do desengano. – Busquei o amor e a glória. – E o amor traiu-me e enegreceu os últimos instantes da vida que a glória me faz perder no cadafalso e na vergonha.

O PADRE

Consolai-vos que o sofrer é dos homens – não se vos dê do passado – melhor para vós se ele foi áspero e terrível, porque o não chorareis no passar da inquietação da vida para o sossego do túmulo.

PATKULL

Não serei eu quem a chore!

O PADRE

Estais preparado?

PATKULL

Já vo-lo disse.

O PADRE

Então – adeus, meu filho.

PATKULL

Adeus, meu Padre.

O PADRE (*pega-lhe nas mãos*)

Bem me custa separar-me de vós – muito – mas não quis Deus que o homem visse a dor do seu semelhante sem que despontasse em seus olhos uma lágrima de simpatia.

PATKULL (*abraçando-o*)

Bom padre.

O PADRE

Adeus, meu filho. (*Vai-se*)

CENA III

PATKULL

Bom padre – como se compadeceu de mim? E se ele soubesse o que encerra este meu peito, se ele o soubesse? Oh! Não derramaria lágrimas – não – porque lágrimas não bastam para o que sofro!! E eu morro sozinho e abandonado na morte, como na vida – Namry!! Sempre este nome; ao menos praça a Deus que dela não me recorde noutra vida. – Oh! Se ainda a pudesse ver uma vez?! Bem sei que foi falsa, que me enganou: não virá, não. – Que lhe importa Patkull que morre, e se alguém chora, certo que não é por mim.

CENA IV

Patkull e Namry.

(Patkull sentado com as mãos na cabeça. Namry entra e vai correndo para ele. Patkull desperta, encara-a – fica assentado – e ela para)

NAMRY

Sou eu – não me conheces, Patkull – eles me concederam este momento, para que te eu visse antes da tua morte!! Não me conheces?!

PATKULL

Namry (*Abraça-a, beija-a muitas vezes*), tardaste tanto!

NAMRY

Quis ver se te salvava.

PATKULL

E eles disseram que tu não me amavas – Namry – e eu acreditei-os – sim – tu mo perdoarás – tão boa que tu és – tu te lembraste do pobre homem que morria, Namry – Oh! Bendita sejas tu – e possas ter na hora da tua morte a felicidade que me fazes experimentar – meu anjo.

NAMRY

Por que te não pude eu apreciar de mais tempo?

PATKULL

Tu me amas.

NAMRY

Não mereço o teu amor.

PATKULL

Oh! Dizes bem – não respondas – Namry – não me respondas, que me seria cruel tua resposta: Deixa-me acreditar que vieste aqui por amor e não por piedade. – Deixa-me acreditar que foi mentira o que me disseram de ti – deixa-me acreditar – para que morra consolado.

NAMRY

Por que te matam tão cedo!

PATKULL

Não é cedo, é tarde. – Eu quisera morrer aqui nos teus braços deixando no teu peito meu último suspiro, e gravando na memória o teu nome intercortado, que acabar não poderia.

NAMRY

Por que morres agora – ah! Se pudesses viver – se pudesses viver – Patkull, se o pudesses – então talvez que eu fizesse esquecer a minha ingratidão doutros tempos e o faria; dar-te-ia

amor – não como o teu que não pudera – mas alma e coração – eu tos daria e o que fosse em meu poder fazer-te – para te alegrar a vida e o pensamento – eu o faria por gratidão, por amor e por mim mesma, Patkull!

PATKULL

Não vês que eu choro?!

NAMRY

Choras a vida que é tanto para ser chorada – quando como a tua se empregou em obras de merecimento e de virtude.

PATKULL

Não – não choro a vida. – Muitas vezes me vi no campo da batalha – vi a morte pairar sobre mim em nuvens de fumo e de pó, calquei meus companheiros ainda quentes – e não chorei – não choraria a vida – não – mas choro por te deixar – e conheço todavia que o devo fazer porque a minha Namry de hoje talvez que amanhã a não encontre.

NAMRY

Sempre eu – sempre a tua Namry – Patkull. – Tua Namry – desgraçada – que eternamente será viúva sem nunca ter sido esposa. Também me não pesa de ficar só – que te não merecera – mas pesa-me deixar-te, Patkull.

PATKULL

Namry.

NAMRY

Meu Patkull!

PATKULL

Namry – vive feliz e venturosa – que eu morro – morro com saudades tuas – e serei feliz se depois da morte acudirem lembranças do passado por saber que me choravas depois de morto – por ter visto que choravas a minha morte.

NAMRY

Meu bom Patkull.

PATKULL

Namry – olha, eu tenho um pajem – tu o conheces, talvez que há pouco com palavras mal pensadas ofendesse o meu pobre pajem. – Toma-o para te servir – Namry – que é fiel e honrado – muito me amava e é uma dívida que pagarás por mim. (*Namry nos braços dele chora*)

CENA V

Soldados e os mesmos.

SOLDADO

Temos ordem de vos levar daqui.

NAMRY

Já! Já! Meu Patkull.

PATKULL

Coragem, Namry!

NAMRY

Oh! Eu teria coragem – mas que ao menos por um momento mais me deixassem contigo.

PATKULL

Tem de ser já.

NAMRY

Oh! Como sois cruel – Patkull! – meu Patkull – meu amigo, tu não me deixarás, não – eu morreria sem ti.

PATKULL

Namry – meu amor! – meu anjo – deixa-me partir. (*Abraçando-a e beijando-a*)

O SOLDADO

Diziam-nos que éreis valente!

PATKULL

Não vos mentiram.

O SOLDADO

E chorais!

PATKULL

São lágrimas nascidas de um coração que ama – nunca as derramei no travado das pelejas, nem ora me oprime – e acabrunha o aspecto da morte!...

O SOLDADO

Apressai-vos. O tempo urge!

PATKULL (*abraçando Namry*)

Adeus! Namry! (*Arrancando-se dos braços dela*)

NAMRY

Meu Patkull! Ah! (*Cai, Patkull retira-se entre os soldados*)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com